

REVISTA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL
DE BOLSAS DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA
PIBIART

EXPEDIENTE

BIA – Revista do Programa de Bolsas de Iniciação Artística
Agosto de 2020

Reitor

Marcus Vinicius David

Vice-reitora

Girleene Alves da Silva

Pró-reitora de Cultura

Valéria de Faria Cristofaro

Secretários

Darlan Lula

Bruno deFilippo Horta

Edição

Izaura Rocha

Redação

Ismael Crispim

Izaura Rocha

Katia Dias

Caroline Crovato (Bolsista de TP)

Julia Ugelli (Bolsista de TP)

Natália Miranda (Bolsista de TP)

Projeto gráfico e diagramação

Nathália Duque

Fotografias:

Divulgação

BIA – Revista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística

Publicação da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora

Rua José Lourenço Kelmer s/n – Campus Universitário

Bairro São Pedro – CEP 36.036-900 – Juiz de Fora, Minas Gerais

Telefones: (32) 2102-3964 e (32) 2102-3965

Sugestões e contato: cultura.ufjf@gmail.com



SUMÁRIO

8

IMPACTO SOCIAL

- 8 Partilhando eternidade
- 10 A produção da loucura artística
- 12 Sobermarcas
- 14 Saúde ressonante
- 16 Exercitar a escuta

18

QUESTÕES DE IDENTIDADE

- 18 Identidade afro-artística
- 19 O personificar drag
- 20 Do jogo às raízes
- 22 Ecos de superação
- 24 Autorretrato do feminino

25

MEIO AMBIENTE

- 25 Capivaras mutantes
- 27 Diálogos mudos

28

MEMÓRIA SOCIAL

- 28 Poética contra a barbárie
- 30 Lendo imagens

32

MEMÓRIA ARQUITETÔNICA

- 32 Vestígios de um passado glorioso
- 34 Pintar para não esquecer
- 36 Arte contra o descaso
- 38 Fragmentos urbanos

40

MODA

- 40 Potência e experimentação

53

MÚSICA

- 53 Entre o popular e o erudito

42

CRIAÇÃO/EXPRESSÃO ARTÍSTICA

- 42 Rabiscos de uma alma inquieta
- 44 'Surruralidade' e xilogravuras
- 46 Utopia social
- 48 Arte e cor no campus
- 50 A pintura resiste
- 52 Quando a alma transborda

56

PENSAR O PROCESSO ARTÍSTICO

- 56 Poética do deslocamento
- 58 Precariedade como arte
- 60 Universo imagético
- 62 Construindo narrativas visuais

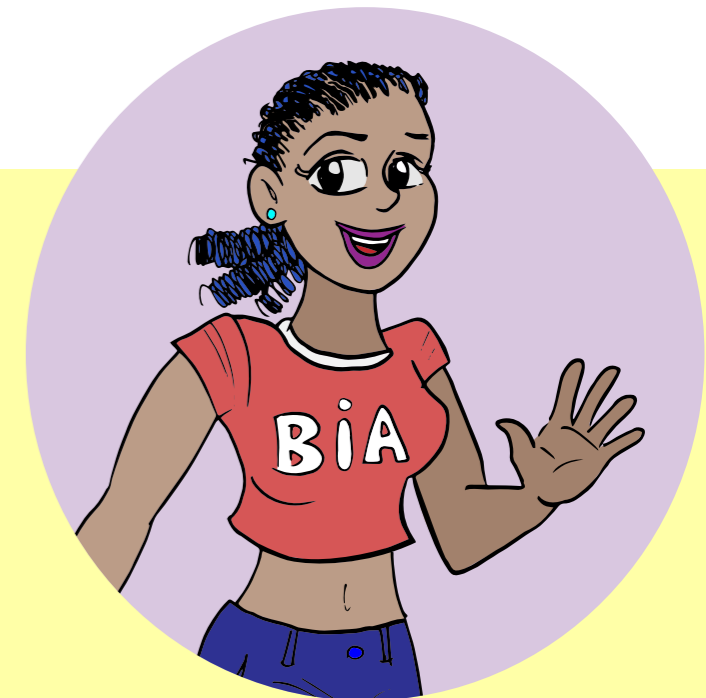
64

INSTITUCIONAL

- 64 Música para todos (Orquestra Sinfônica Pró-Música, Coral Pró-Música, Musicalização Infantil, Percepção Musical e Coro Acadêmico)

68

PANORAMA





Bem-vindos!

Como polo científico e cultural da região, a Universidade Federal de Juiz de Fora busca a excelência no tripé educação, pesquisa e extensão. A cultura, por sua essência, é uma instância que atravessa esses campos, e por isso assume, na atual gestão, um espaço fundamental de produção de conhecimento e pesquisa.

Essa é a proposta do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística (Pibiart), criado na antiga Gerência de Gestão Cultural e retomado, por iniciativa da Pró-reitoria de Cultura, em novo formato aprovado pelo Conselho Universitário em 2018. O escopo do programa foi ampliado com a inclusão das modalidades de Grupos Artísticos – contemplando estudantes que atuam em grupos artísticos da instituição e da comunidade acadêmica – e de Mediação Artística, voltada para projetos de cunho educativo-cultural desenvolvidos nos aparelhos culturais da UFJF.

Em 2019, realizamos a primeira edição do Pibiart em sua nova versão, com a seleção de 91 bolsistas nas modalidades Projeto Artístico-Cultural, Grupos Artísticos e Mediação Artística. Voltado para alunos da graduação, o Programa apoia projetos acadêmicos das mais diversas linguagens artísticas e está aberto à participação de alunos de todos os cursos. Nesta primeira edição contamos com estudantes de Medicina, Psicologia, Economia, Fisioterapia, entre outros, ao lado de alunos de Artes e de Música, que tiveram oportunidades de associar os conhecimentos de suas áreas em projetos artísticos, numa bela demonstração da interdisciplinaridade proporcionada pelo Programa.

Com o objetivo de apresentar os trabalhos realizados e divulgar a pesquisa em arte e a produção artística da comunidade acadêmica, temos a alegria de lançar agora a revista BIA – Bolsas de Iniciação Artística. Este número traz os projetos que se destacaram na edição 2019 por sua qualidade e alcance social, além de elencar todas as ações realizadas no âmbito do Pibiart no ano passado, para uma visão geral da dimensão do Programa. A diversidade das ações e os seus resultados nos mostram que os objetivos foram atingidos, com a qualificação dos discentes na área artístico-cultural, o incentivo à sua produção artística e à docência em artes por meio de projetos educativos e culturais.

Esta primeira edição logo evidenciou uma demanda reprimida por parte dos alunos e por isso buscamos a ampliação do número de bolsas, que na edição de 2020 já passou para 120. Nesse momento em que apresentamos os resultados da primeira edição e damos início a mais um ano de atividades do Programa, aproveitamos a oportunidade para agradecer a Administração Superior pelo apoio ao Pibiart, com a ampliação das vagas e a reserva orçamentária para sua realização este ano.

Esperamos que a leitura da BIA contribua para estimular nossos alunos a se interessarem pela pesquisa, mediação e produção em artes e a desenvolverem projetos para futuras edições do Programa.

BOA LEITURA!

Valéria de Faria Cristofaro
Pró-reitora de Cultura

PARTILHANDO ETERNIDADES

Com objetivo de levar os conhecimentos adquiridos no ambiente acadêmico às comunidades, o projeto *Ressignificando memórias através das artes*, realizado por Alice de Lima da Costa e Jéssica Maria da Silva, estudantes de Artes e Design, e Anna Luisa Rodrigues, aluna de Fisioterapia, se propôs a resgatar a autoestima e a memória afetiva de idosos, com o reconhecimento e a valorização de suas histórias de vida.

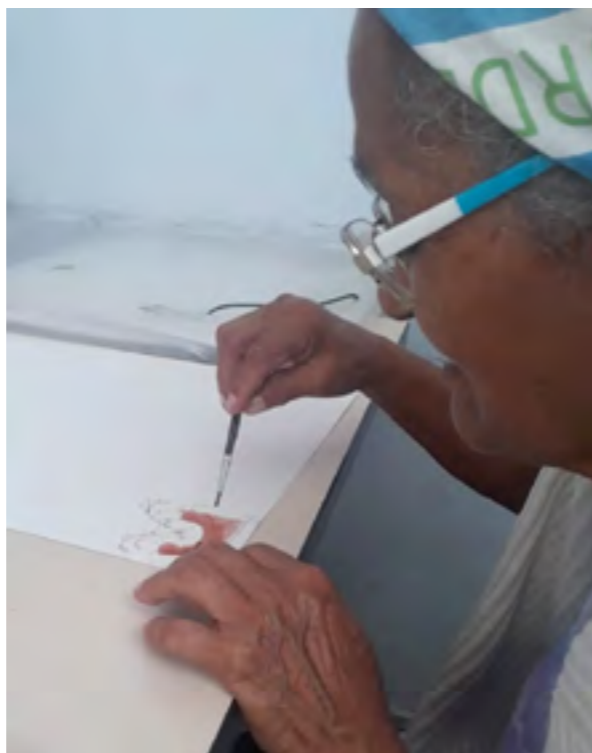
Ao estabelecer uma troca de saberes entre as bolsistas integrantes, o projeto procurou não só estimular o aprendizado de arte por meio de oficinas de criação artística,



Dona Hélia participa de uma das oficinas do projeto, que visaram estimular a cognição e a saúde de usuários do SUS

como também beneficiar a saúde de idosos usuários do Sistema Único de Saúde. A ampliação da rede de sociabilidade, o desenvolvimento de habilidades motoras e o estímulo à cognição são alguns dos objetivos destacados nas atividades promovidas durante as oficinas, nas quais cada bolsista aplicou sua respectiva área de conhecimento.

Foram ministrados nove encontros em parceria com a Unidade Básica de Saúde do bairro Milho Branco, di-



Dona Anísia em oficina sobre pintura de natureza morta

vididos em dois semestres com abordagens distintas. No primeiro semestre, as oficinas foram mais focadas em recuperar boas memórias dos participantes, como brincadeiras de infância e o bairro onde nasceram, e apresentar técnicas artísticas, como a natureza morta e a xilogravura. Logo após a prática, as bolsistas e os alunos se reuniam para realizar uma pequena apresentação sobre os objetos criados e seu significado, compartilhando memórias, experiências e histórias.

Já no segundo semestre, o planejamento das abordagens foi mais individualizado entre as áreas, modificando a forma como as oficinas eram abordadas, dividindo-as em três etapas: *eu*, *outro* e *espaço*. O autoconhecimento foi tema da primeira etapa, que buscou refletir sobre a individualidade de cada ser através da criação de um autorretrato que representasse o eu interior ou exterior; o segundo encontro mostrou a importância do outro por meio de uma atividade artística coletiva, promovendo a sociabili-



Agente de saúde comunitária Dulce, professora de Fisioterapia da UFJF Rebecca Marinho e estagiários, bolsistas do Pibiart e participantes do projeto

dade entre os alunos; e, para a finalização do projeto, foram feitas colagens sobre os sentimentos subjetivos de cada um em relação a espaços que lhes traziam felicidade.

O projeto também teve um estande no evento “UFJF na Praça”, para divulgar os resultados das oficinas e apresentar novas propostas à comunidade: “Realizamos o preenchimento de formulários com os dados de possíveis participantes, para que pudéssemos entrar em contato posteriormente. A participação do projeto no evento foi compensadora, pois agregou experiências e

ajudou na divulgação das oficinas do segundo semestre de 2019”, relatam as bolsistas.

Ao avaliarem os resultados do trabalho realizado, as alunas consideraram que o projeto colaborou de forma clara para seu desenvolvimento acadêmico, não só em termos de um futuro ambiente de trabalho, mas no aspecto humano de sua formação: “Em diversos momentos o projeto nos auxiliou mostrando o que as pessoas esperam de um profissional, ensinando as melhores formas de agir e enriquecendo o nosso conhecimento.”

Natália Miranda

RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS ATRAVÉS DAS ARTES

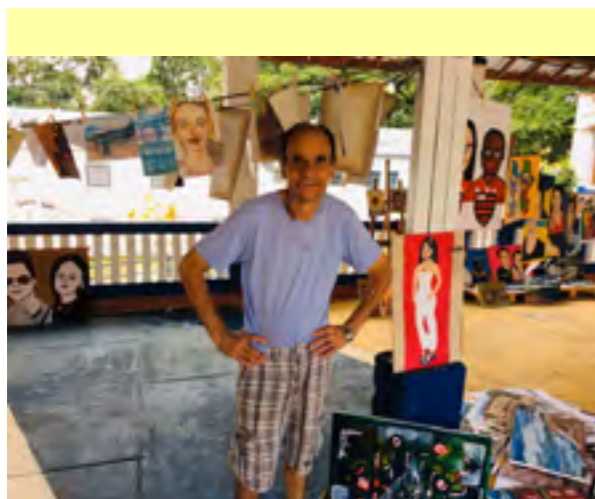
Modalidade Mediação Artística . **Bolsistas** Alice de Lima da Costa *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . Anna Luisa Rodrigues *Fisioterapia* . Jéssica Maria da Silva *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadores Professores Diogo Simões, Rebecca Marinho e Renata Zago.

A PRODUÇÃO DA LOUCURA ARTÍSTICA

Desenvolver o potencial criativo, artístico e expressivo de pessoas com deficiência: esse foi o objetivo da estudante de Artes e Design Gabriella Souza Monteiro, ao criar o projeto *Inconsciente Materializado*, que trabalhou com os moradores do Educandário Carlos Chagas, instituição fundada em 1932 que acolhe essa população em Juiz de Fora. Foram realizadas oficinas, atividades, trabalhos individuais e brincadeiras, utilizando materiais diversos, como carvão, aquarela, guache e recicláveis para artesanato.

A proposta foi baseada na história e na pesquisa da psiquiatra brasileira Nise da Silveira, que trabalhou a partir do estudo de Freud sobre o inconsciente. A profissional mudou a história dos tratamentos psiquiátricos no país, com a humanização da abordagem de pessoas com distúrbios mentais, tão marginalizadas em seu tempo. Também trouxe espaço para a arte como terapia, mostrando sua importância para a sociedade. A estudante se inspirou no filme *Nise, o coração da loucura* (2016), que mostra a experiência da médica no Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro.



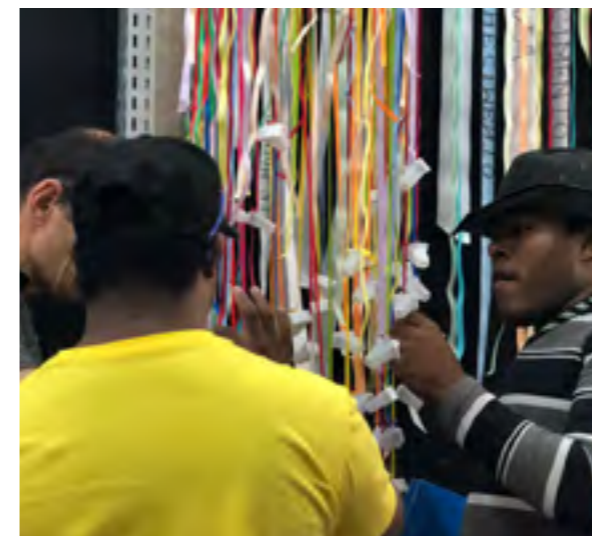
Reconhecido por seus desenhos, Juca aprendeu pintura a óleo com a bolsista

“Meu trabalho no educandário iniciou com o projeto de revitalização da instituição. O local funcionou como hospital psiquiátrico até pouco tempo e ainda tinha aspectos desse passado, por isso muitos moradores da região não conheciam o espaço ou tinham medo de se aproximar, o que dificulta a divulgação de atividades e necessidades do educandário”, relata. Partindo para a ação, Gabriella reuniu um grupo de voluntários para realizar a reforma e a pintura do local e fechou uma parceria com o grupo juiz-forano Underground Graffiti Crew para a pintura do pátio do primeiro andar. Em seguida, promoveu novo mutirão para a revitalização do espaço externo do segundo andar, junto aos moradores e funcionários. Produziram vasos de planta com garrafas pet para pregar nos *pallets*, pintura em conjunto nas paredes e um painel “para eternizar as mãos dos moradores no local”.

Entre os moradores do educandário, Gabriella cita algumas figuras de destaque: Juca, Jeremias, Paulo Sérgio (Paulinho), Expedito e as irmãs Fernanda e Luciana. Juca é filho de hansenianos e está no educandário desde bebê. Possui deficiência intelectual leve e seu forte é o desenho. Tem paixão por desenhar pessoas negras e aprendeu a técnica de tinta óleo com a bolsista. Reconhecido, já teve diversas obras expostas em Juiz de Fora, além de rótulos de cerveja da pizzeria e cervejaria artesanal Mr. Tugas impressos com suas pinturas. Jeremias tem o mesmo distúrbio de Juca, foi vítima de maus tratos e muito sofrimento. Reproduz em seus desenhos suas vivências, o que vê, autorretratos e nudez. Produz desenhos em série, a mesma imagem em diversos ângulos – alguns monocromáticos. Já participou de duas exposições: uma no curso de psicologia do Centro de Ensino Superior (CES-JF) e outra na Galeria Guaçuí (IAD-UJF).

Paulo Sérgio, portador de síndrome de Down, é muito reservado e prefere ficar em sua sala pintando e estudando sozinho. Costuma pintar em pedaços de caixas de papelão, raramente em sulfite, com tinta guache. Pinta as pessoas que gosta ou vê em revistas. Admirador de Sandy e Júnior, se coloca ao lado deles em algumas das muitas pinturas que realiza da dupla, além de gostar de se autorretratar junto de Jesus Cristo.

Paulinho também participou de duas exposições, nos mesmos espaços que Jeremias. Expedito tem o hábito de escrever cartas para todos de quem gosta, pedindo coisas. Tem um irmão autista, Martins, que também mora no educandário, mas se isola e prefere não participar das atividades propostas. As irmãs Fernanda e Luciana, ambas com distúrbio intelectual leve, foram abandonadas quando pequenas e acolhidas pelo educandário. Fernanda, a mais velha, acredita ser professora e tem uma sala, onde diariamente chama um dos moradores para passar atividades. Sempre atenta às conversas alheias, recorta parte dos diálogos para montar sua história. Estes e outros moradores foram personagens de um belo ensaio fotográfico realizado por Gabriella, que pode ser conferido em <https://www.behance.net/gallery/80656895/Inconsciente-Materializado-ensaio-fotografico>.



Moradores do Educandário em atividade do projeto

Ao realizar um trabalho abordando os ditos “loucos”, observando suas produções e formas de agir e buscando desmistificar o preconceito estabelecido pela sociedade, a estudante pôde perceber o valor social da arte e o seu poder como estratégia de saúde. Ela afirma que os estudos lhe agregaram técnicas, conhecimento

e experiências que vão além do território acadêmico, ampliando sua visão de mundo e o desejo de descobrir mais sobre esse poder. “Todos os que levei para conhecer o espaço também tiveram o mesmo impacto



Luciana, Silvana e Ana Paula, moradoras do Educandário

e sentem a necessidade de estar mais presentes nesse contexto. Foi transformada a forma com que o educandário e as pessoas de lá eram vistas e foi despertado o interesse de fazer parte em todas as pessoas que tiveram contato”, afirma.

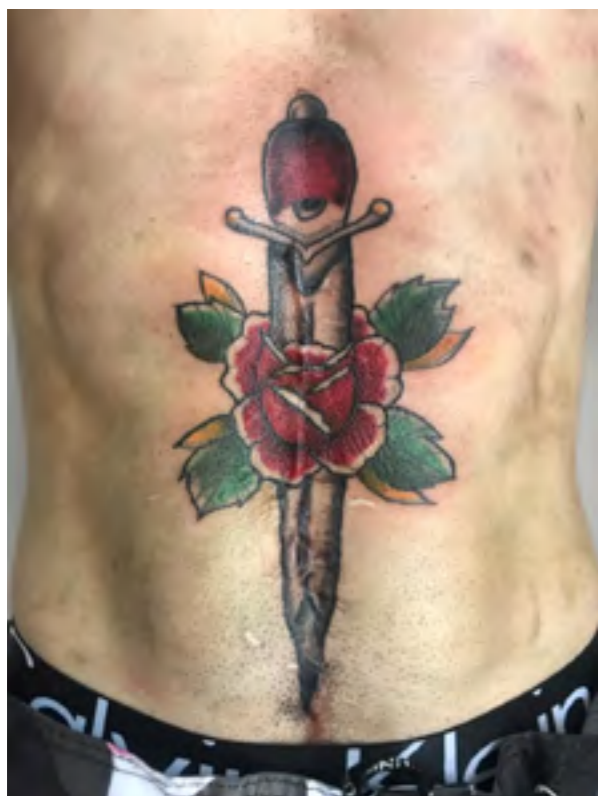
Por fim, Gabriella destaca a importância da experiência para ela mesma, como pessoa e profissional no campo das artes, ao ter contato com a teoria e sua aplicação e observação práticas, expondo os resultados dos trabalhos desenvolvidos com os assistidos do educandário. “A exposição na Galeria Guaçuí foi a minha primeira. Foi muito importante participar de uma mostra levando um projeto tão significativo, fazendo a curadoria das obras. Lembro-me de estar montando a exposição e imaginando qual seria a reação deles ao verem seus trabalhos, e quando chegaram foi melhor do que o esperado, uma experiência única. Sou grata por essa oportunidade que despertou em mim o desejo de expandir esse projeto para mais lugares”, conclui.

Ismael Crispim

INCONSCIENTE MATERIALIZADO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . Bolsista Gabriella Souza Monteiro Bacharelado Interdisciplinar em Artes . Orientadores Professores Renata Zago e Renato Amorim

SOBRE MARCAS



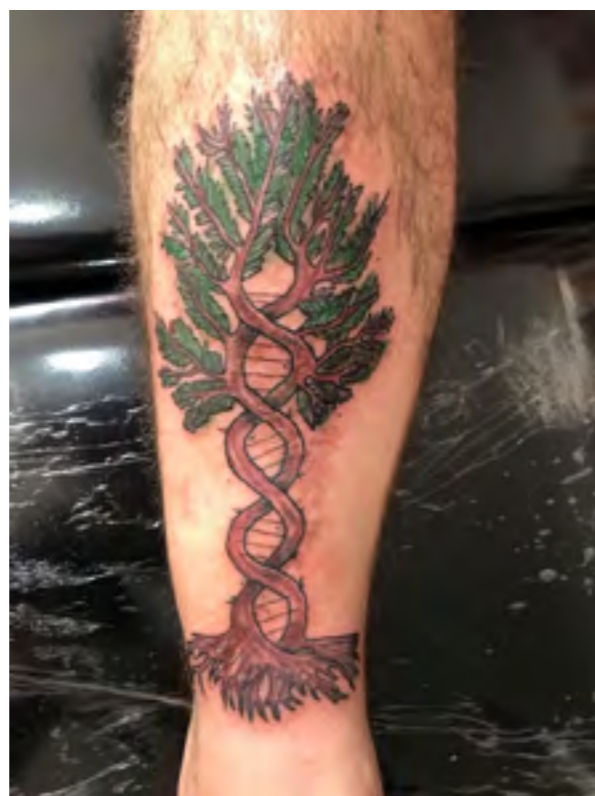
Os participantes escolheram o estilo e as cores de sua preferência

Contribuir para a melhoria na autoestima de pessoas que a tiveram prejudicada devido a cicatrizes em seus corpos, provocadas, muitas vezes, por acidentes ou outros fatos que não trazem boas lembranças. Esse foi o objetivo da estudante de Artes e Design Isadora Mayrinck, ao criar o projeto *Marcas de Expressão*, aprovado na edição 2019 do Pibiart. Ao longo do ano de 2019, ela conseguiu realizar 20 tatuagens para cobertura de cicatrizes.

A pesquisa buscou o desenvolvimento de uma linguagem autoral, para colocar em prática disciplinas cursadas, e conciliar isso com formas de atendimento à comunidade, a fim de compreender suas demandas e desenvolver o projeto da tatuagem. Além disso, procurou avaliar o efeito da mesma no estado emocional das pessoas submetidas ao processo, que foi dividido nas seguintes etapas: divulgação,

estabelecimento de “rapport” (técnica usada pela psicologia para criar uma ligação de sintonia e empatia com outra pessoa), criação de forma e significado e, por fim, atendimento.

O primeiro passo foi tornar o projeto conhecido, com a distribuição de cartazes pelos diversos departamentos da UFJF. Em seguida, chegou ao conhecimento da Diretoria de Imagem Institucional, que o divulgou no site da universidade, alcançando um público significativo e chamando a atenção da mídia local. O projeto voltou a ser mencionado no portal da instituição em uma matéria sobre a campanha Setembro Amarelo, tornando-o ainda mais conhecido pela população juiz-forana e conquistando espaço nos principais telejornais da cidade.



O projeto alcançou repercussão na mídia

A estudante optou por tornar o participante parte integrante do processo criativo, escolhendo os estilos com que mais se identificava,

assim como as cores e os símbolos da tatuagem, para então melhor traduzir seus desejos e preferências na arte final. Em seguida, partiu para a elaboração da obra, baseada em seu conhecimento acadêmico e suas vivências, contando com elementos como equilíbrio e combinação cromática. Durante a elaboração, também houve uma preocupação com a melhor distribuição do desenho, a fim de obter a maior cobertura possível da cicatriz.

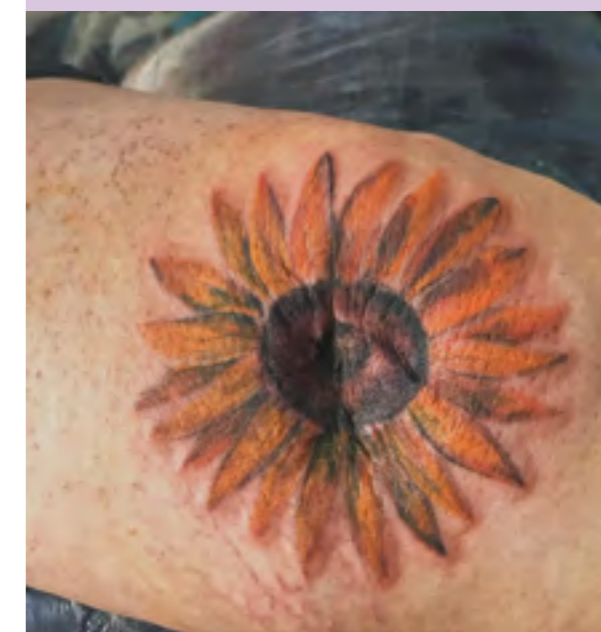
Isadora destaca a interdisciplinaridade no mundo contemporâneo como sendo “de extrema importância na formação de qualquer profissional, uma vez que os problemas em sociedade, em sua maioria, afetam e são afetados por várias esferas. Dessa forma, este projeto busca conectar as áreas de saúde, psicologia e o mundo artístico, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de pessoas afetadas por cicatrizes”.

Segundo a estudante, o projeto foi modificador em diversos sentidos, uma vez que pessoas que jamais cogitaram a hipótese de passar pelo processo de tatuagem – fosse por preconceito, falta de informação ou mesmo de condições financeiras – puderam vivenciar essa modalidade artística. Cada arte tatuada relata a individualidade do atendido, visto que foram projetadas a partir de uma linguagem autoral, de acordo com as preferências pré-estabelecidas. Foi realizado um levantamento iconográfico a respeito das tatuagens e a categorização das coberturas mais comuns – aquelas com cicatrizes resultantes de acidentes, automutilações e processos cirúrgicos. A maioria dos participantes manifestou preferência pelos estilos *black work* e *fine line*.

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO CRIATIVO DA TATUAGEM PARA A RECUPERAÇÃO DA AUTOESTIMA EM PESSOAS COM CICATRIZES

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Isadora Carvalho Mayrinck *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadora Professora Annelise Nani da Fonseca



A cobertura de cicatrizes por tatuagens melhora a autoestima e a relação com o corpo

Com uma análise positiva, Isadora conclui que foi possível observar o impacto da tatuagem na autoestima e no bem-estar do participante que, de acordo com eles, passaram a perceber de maneira melhor o próprio corpo e alcançaram melhoria nas relações interpessoais após o processo. “Os atendimentos decorridos foram, em sua totalidade, capazes de modificar a qualidade da relação do paciente com o próprio corpo, bem como sua relação com tudo em volta. Independentemente do tipo de acontecimento gerador da cicatriz, a presença desta era, na maioria das vezes, geradora de angústia e desconforto”, relata a estudante, que conseguiu ver na arte uma auxiliar no processo de bem-estar dos atendidos, bem como um meio para o seu desenvolvimento criativo.

Ismael Crispim

SAÚDE RESSONANTE

Ao desenvolver o projeto *Gotas Musicais: arte e saúde de mãos dadas*, os estudantes de medicina Thomas Schröder, Júlio Gabriel Silva e João Vitor de Souza tiveram como ideal promover a saúde através da música. O trabalho teve como público-alvo usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), acadêmicos, docentes, servidores técnico-administrativos e demais funcionários da universidade; logo, foi desenvolvido sobre dois pilares: a promoção do bem-estar estudantil e a promoção da saúde dos usuários das UBSs (Unidades Básicas de Saúde).

A princípio, buscaram discutir a ideia de como o ambiente acadêmico pode ser estressante em alguns momentos da graduação e quais as possibilidades que o estudante de medicina dispunha para lidar com tal es-

passo seguinte foi expandir as atividades para as salas de espera das UBSs, de forma que os usuários do SUS pudessem aguardar o atendimento de forma mais leve e menos estressante. Desta forma, foram definidos como locais das atividades a Faculdade de Medicina da UFJF e a UBS do bairro Monte Castelo.

No prédio da Faculdade de Medicina, as apresentações eram organizadas semanalmente, com 15 minutos de duração, tempo suficiente para três ou quatro performances. Sempre eram convidados alunos ou funcionários da instituição para se apresentar. Normalmente, os integrantes disponibilizavam os instrumentos musicais a serem utilizados, mas o convidado também poderia levar o próprio instrumento, caso possuísse. Quando o participante era apenas vocalista, a equipe ficava responsável pela parte instrumental. Todas as apresentações eram gravadas para posteriormente serem publicadas em redes sociais. “As apresentações nas quartas-feiras do *Gotas Musicais* transformaram o espaço acadêmico e

lizadas, geralmente, em horários próximos à abertura da unidade, devido ao maior número de pessoas presentes. O repertório era variado, mas os estudantes tentavam, sempre que possível, tocar músicas conhecidas pelo público. Também registravam e publicavam estas apresentações nas redes sociais do *Gotas Musicais*. Além das apresentações mensais, também marcavam presença em datas especiais, quando a equipe da UBS realizava Ações de Saúde, como a campanha do “Outubro Rosa”, por exemplo, a fim de conscientizar a população quanto ao combate e a prevenção ao câncer de mama.

e ansiedade, fatores que podem prejudicar as relações sociais. Nesse sentido, a música adquire um papel fundamental na socialização entre os estudantes e entre estes e funcionários da instituição. A música possui uma fortíssima capacidade de aproximar as pessoas, e em um ambiente de formação de cidadãos esse aspecto é algo a se ressaltar”, aponta.

Quanto ao aprendizado da equipe no contexto das UBSs, Thomas explica que o destaque é sobre o ponto de vista humano e operacional. Enquanto acadêmicos

de Medicina e futuros profissionais de saúde pública, eles puderam compreender mais sobre a lógica de uma sala de espera em uma Unidade de Saúde, como as pessoas se comportam, como se sentem e quais são as suas preocupações em momento prévio a um atendimento - questões de grande importância na formação de um estudante da área.

Além disso, sob o aspecto da promoção da saúde, tiveram a oportunidade de vivenciar alguns pontos já discutidos em disciplinas do currículo médico e entender suas aplicações práticas. “Recebíamos

constantes agradecimentos e mensagens de apreciação pelas nossas apresentações, como se mudássemos o dia daqueles indivíduos. Algumas transformações que nosso projeto causou podem parecer invisíveis, mas certamente são muito nítidas aos olhos e ouvidos de quem se fez presente”, conclui.

Ismael Crispim



Mudar para Tomás Schröder (sentado) e seu colega de Medicina André Guimarães na UBS de Monte Castelo

Para o idealizador do projeto, a contribuição do mesmo para a formação estudantil foi “um ganho imaterial enorme”. Ele destaca que a equipe pôde exercitar as habilidades de trabalhar em grupo, dividir tarefas, delegar funções, além de discutir opiniões e ideias. “Em segundo lugar, podemos destacar o quão importante é um projeto musical em meio a um ambiente acadêmico, que às vezes é tomado por certo nível de estresse

GOTAS MUSICAIS: ARTE E SAÚDE DE MÃOS DADAS

Modalidade Grupo Artístico-Cultural . **Bolsista** Tomás Machado Schröder Dutra *Faculdade de Medicina* .

Voluntários Júlio Gabriel Silva e Silva e João Vitor de Souza Paulo *Faculdade de Medicina* . **Orientadora** Professora Sandra Helena Cerrato Tibiriçá



Apresentação do grupo Gotas Musicais na Faculdade de Medicina

trese. Sabiam da existência de atividades esportivas, sociais, religiosas e até mesmo culturais, mas nenhuma cujo alicerce fosse a música. Logo, para eles, um projeto que se baseasse em atividades musicais seria uma ideia inovadora dentro da faculdade de Medicina.

Com o objetivo de ampliar os horizontes do projeto, após sua implementação no ambiente acadêmico, o

se enraizaram na rotina dos frequentadores do prédio”, afirma Thomas, idealizador do projeto.

Já na UBS de Monte Castelo, as apresentações ocorriam cerca de uma vez por mês. Estas eram alternadas entre os membros da equipe, a fim de não sobrecarregá-los e proporcionar a cada um a experiência de se apresentar à comunidade. Duravam cerca de uma hora e eram rea-



Ateliê Bidimensional do IAD, lugar de refúgio para um dos participantes ouvidos pelo projeto

EXERCITAR A ESCUTA

Uma realidade vivida por muitos universitários levou Luca Mandarino a desenvolver a ideia de *Retratos de um Lugar Seguro*, concebido como um espaço de acolhimento em que a fotografia é uma ferramenta fundamental. Por experiência própria, Luca estava atento às dificuldades sociais e psicológicas enfrentadas por estudantes que se sentem solitários ou desmotivados com a vida acadêmica, seja porque a entrada na UFJF impôs deixarem suas cidades e se afastarem de amigos e familiares, seja porque encontraram dificuldades para se socializar ou sofreram pressões por cobranças pessoais ou de rendimento nos estudos.

Movido pela disposição da escuta do outro – sensibilidade rara em tempos atuais –, Luca recolheu seis relatos de convidados ou voluntários que abordaram o impacto da mudança em suas vidas e falaram sobre os lugares em que se sentiram acolhidos. A partir dos depoimentos, o estudante percorreu esses locais de refúgio para fotografá-los e tentar transmitir, por meio desses registros, o ponto de vista dos entrevistados, isto é, a perspectiva de que é possível encontrar paz e construir boas memórias no percurso de novos caminhos que a vida com frequência apresenta como desafios.

A proposta era reunir essas “histórias ilustradas” em uma exposição, para mostrar a todos que as vissem que não estão sozinhos e que podem encontrar na experiência do outro um conforto para si mesmos, “pois através do contato com algo tão introspectivo como o lugar seguro - o refúgio - do outro, é possível sentir que, apesar dos infortúnios da vida, ainda existe felicidade e pertencimento para todos”. Luca pretende dar sequência ao projeto ao longo de seu curso na UFJF, reunindo mais relatos e fotos para a mostra.

O campus universitário, aliás, é um exemplo de que um mesmo lugar que, em algum momento, pode significar angústia, em outros também oferece momentos de refúgio. “Torna-se clara a existência, em um mesmo espaço, de diversos sentimentos. A faculdade pode representar estresse e ansiedade, por outro lado também é possível encontrar nela conforto e lazer. Essa experiência foi muito gratificante”, afirma o estudante.

A realização do projeto envolveu ainda o oferecimento de uma oficina de Introdução à Fotografia, ministrada para duas turmas reunidas na Escola de Artes Pró-Música. A oficina abordou temas referentes a teoria fotográfica, equipamentos digitais, utilização da câmera, seus componentes e acessórios, técnicas fotográficas e direção, com aulas teóricas e prática guiada e livre. Para sua realização, Luca Mandarino desenvolveu o material de apoio com base em livros, fontes diversas e bibliografia complementar.

Além de sensibilidade e empatia, *Retratos de um Lugar Seguro* exigiu de Luca Mandarino mais contato com as disciplinas de fotografia e produção audiovisual e lhe proporcionou, sobretudo, o desenvolvimento do olhar fotográfico para alcançar o objetivo do projeto. Além disso, a experiência da oficina mostrou ao aluno todo o preparo teórico e prático necessário para o exercício da docência.

Izaura Rocha



O campus da UFJF como um lugar de refúgio

Solidão e desafios acadêmicos motivaram o projeto

RETRATOS DE UM LUGAR SEGURO

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Luca Pereira Mandarino *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadora Professora Júlia Milward

IDENTIDADE AFRO-ARTÍSTICA

O interesse pelo afrocentrismo artístico despertou em alunos negros do Instituto de Artes e Design da UFJF a ideia de criar o Coletivo Descolônia, fundado em 2016, com o objetivo de produzir e pesquisar arte afrocentrada. Em 2019, a fim de integrar e implementar o coletivo, o grupo inscreveu o projeto no Pibiart, e ele foi aprovado na modalidade Grupo Artístico para desenvolvimento ao longo do ano.

Um passo importante para suprir a demanda de estudantes do curso de Artes e Design, que identificam a lacuna do afrocentrismo artístico na grade curricular - abafado por uma visão eurocentrada -, foi a reformulação do site do Coletivo (<http://historias.interativas.nom.br/coletivodecolonia/>). As apostas se concentraram em um layout personalizado para traduzir a essência do grupo, uma galeria virtual com coberturas fotográficas de eventos realizados e a criação de uma



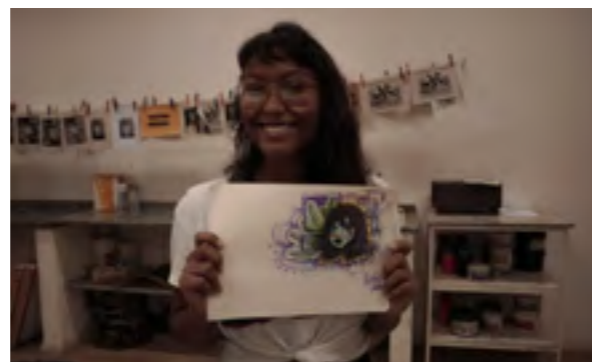
Oficina levou o debate para alunos da Escola Municipal José Calil

biblioteca online que disponibilizasse materiais de estudo gratuitos, a fim de auxiliar tanto a universitários quanto a qualquer outro interessado em temas que envolvem questões raciais. A partir do site, os participantes e comunidade ganharam espaço para divulgar seus trabalhos artísticos.

COLETIVO DESCOLÔNIA

Modalidade Grupo Artístico • **Bolsistas** Giovana Tavares Silva Fernandes *Bacharelado Interdisciplinar em Artes*, Lucas Melo Ferreira *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* • **Orientadora** Professora Eliane Bettocchi Godinho

Além de marcar presença na web, o grupo contou com a colaboração de bolsistas envolvidos em outros projetos para a organização de três oficinas de desenho, que seguiram um cronograma inspirado na cultura negra. Uma das atividades oferecidas foi baseada no desafio “Inktober”, realizado online anualmente por



A estudante Monique Saboia colabora na oficina Blackintober, oferecida pelo projeto

artistas para estimular a prática da habilidade artística. Na oficina, com o nome adaptado para “Blackintober”, os participantes presentes tiveram a oportunidade de compartilhar técnicas de artes.

Uma outra oficina, oferecida a alunos da Escola Municipal José Calil, possibilitou ainda mais reflexões sobre questões raciais e suas aplicações. “A experiência nos mostrou como algumas crianças negras tinham um pensamento negativo sobre seus traços étnicos e como é importante discutir essa questão desde o início com a população fora da universidade”, relata Giovana Tavares, bolsista do projeto.

O projeto realizado pelo Coletivo Descolônia resultou em um site interativo para divulgação de trabalhos produzidos e contribuiu para promover o estudo de temáticas importantes que muitas vezes são debatidas apenas no ambiente acadêmico.

Julia Ugelli

O PERSONIFICAR DRAG

O impacto artístico e a influência cultural das *drag queens* estão presentes no projeto *Saraah: Construindo uma performance drag*, produzido por David Martins da Silva Filho, estudante de Cinema e Audiovisual, através da criação e construção de Saraah, uma persona altruísta, independente e feminista que, através de performances de dança, musicais e teatrais, manifesta questionamentos sobre os estereótipos femininos.

Para a criação de Saraah, David se inspirou na estética de grandes ícones do cinema e da música das décadas de 1950 e 1980, além de pesquisar sobre a representatividade *drag* de personalidades em âmbito nacional e regional. Depois dessa fase, o projeto buscou espaços para a interação do público com a arte, o que resultou em três grandes feitos: dois eventos e um projeto audiovisual.

O primeiro evento, organizado pelo próprio aluno e intitulado “Queens no Queens”, era realizado semanalmente, aos sábados, no Queens Bar, e contava com performances da persona *drag* de David e de outra *drag* convidada, além de transmitir regularmente os episódios do *reality show* “Rupaul’s Drag Race”. Com a proposta de apresentar o cenário, até então pouco conhecido em Juiz de Fora, as 15 edições do evento foram importantes para a visibilidade dos artistas locais que mostraram seus estilos em apresentações únicas. Em seguida, foi realizado o “Dia Drag”, em parceria com a 2ª Semana Rainbow da UFJF, que levou a representatividade *drag* para a comunidade acadêmica por meio de palestras, performances e workshops no Instituto de Artes e Design da UFJF.

“Acreditamos que, para uma mudança e um verdadeiro impacto social, precisamos de referências. Dessa forma, ocupar os espaços, seja na universidade ou na comunidade ao seu entorno, com a finalidade de discutir e/ou

SARAAH: Construindo uma performance drag

Modalidade Projeto Artístico-Cultural • **Bolsista** David Martins da Silva Filho *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* •

Orientadora Professora Letícia Perani Soares

entreter a partir da cultura *drag*, tem grande importância, pois se torna referência para quem não conhecia e quem sabe consiga se identificar com aquilo que está assistin-



A drag Saraah em apresentação no evento Queens no Queens



Drags se apresentam no Instituto de Artes e Design

do ou ouvindo”, afirma David, ao descrever a proposta do projeto de levar igualdade e visibilidade ao público.

Como conclusão dos eventos realizados pelo projeto, produziu-se *Multi Polaris*, longa-metragem sobre o cenário *drag* juiz-forano sob a perspectiva de David. O documentário transita entre artistas que iniciaram sua atuação quando a arte *drag* era marginalizada e aqueles que, como Saraah, encontraram um meio já consolidado, apresentando ainda depoimentos de *drags* e personalidades do cenário LGBTQIA+ da cidade.

Natália Miranda

DO JOGO ÀS RAÍZES

A estudante Monique Onofre Saboia é a autora do projeto *Fantasia Afro-Nova: pilhagem antropológica na construção de ludonarrativas visuais*, cujo objetivo foi criar *concepts* (design de referência para criação de objetos, personagens ou criaturas imaginárias) para o jogo online interativo *Terra Nova*. Para isso, ela utilizou a ludonarrativa, método que consiste na jogabilidade por meio de uma narrativa/ação com um esquema de regras criadas. O projeto buscou, ainda, desenvolver exercícios sobre etnologia através de ilustrações digitais e esboços inspirados na cultura afro-brasileira.

Ela contou com a parceria do Coletivo Descolônia e o apoio do grupo Concept Art, ambos do Instituto de Artes e Design. Sua participação neste grupo foi fundamental na primeira etapa do projeto, uma vez que a experiência contribuiu para o seu desapego de técnicas e estilos artísticos aos quais estava acostumada, saindo, então, de sua zona de conforto. Um de seus principais desafios foi realizar exercícios com cores análogas para a ilustração da deusa Sarina e a construção de cenários para seu templo. “Estar junto a outras pessoas me auxiliou a ter uma diversidade de visões sobre a negritude e de como cada pessoa, mesmo pertencendo ao mesmo grupo étnico, passa por diferentes situações. Construir personagens é falar sobre pessoas, englobando existências com histórias individuais”, ressalta.

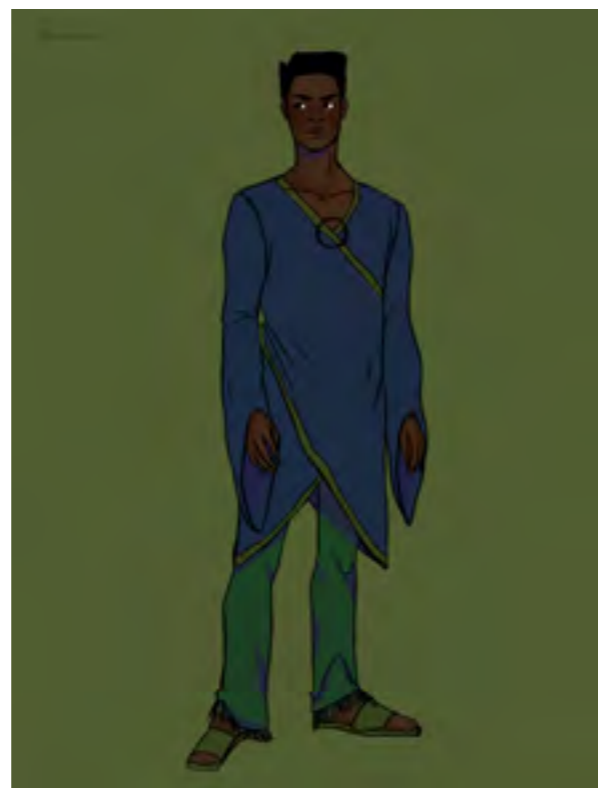
O passo seguinte foi se aprofundar nas pesquisas sobre vestimentas típicas africanas, com foco nas estamparias, e sobre a arquitetura de quilombos, para os cenários. Ela utilizou a plataforma de jogos eletrônicos Minecraft para criar os esboços do templo de Sarina e para a construção dos cenários pela professora Eliane Bettocchi Godinho. De acordo com as regras, os personagens são dotados de personalidade e habilidades

para o jogo. Logo tem início o processo de criação das figuras e do ambiente para jogabilidade, no qual os participantes poderão se aventurar.

“

Os estudos resultaram na elaboração de personalidades originais para cada pessoa, independentemente da idade. Foi significativa a autorrepresentação para cada indivíduo. Conheci novas propostas de concepts, consegui me desprender das técnicas focadas em personagens eurocêntricos e aceitei o estilo da arte africana e brasileira. Reconhecer a própria origem traz um sentimento de aconchego e pertencimento muito revelador, ainda mais na presença de outros com essa mesma ancestralidade, negada por mim anos antes de ingressar na universidade”, explica Monique.

Foram realizadas oficinas de criação de personagens com alguns dos componentes do Coletivo Descolônia, que contribuíram para o desenvolvimento de personagens únicos e sem estereótipos. Os alunos eram livres para criar personagens baseados em si mesmos ou totalmente imaginários. Obtiveram referências para



Vestimentas africanas foram pesquisadas para o projeto

vestimenta, modo de vida no universo de *Terra Nova* e sobre os deuses presentes na crença religiosa do jogo, moldando o futuro dos seus personagens conforme a dinâmica abordada.

“Após esses exercícios, me atentei à questão de sermos ensinados a ter uma imagem distorcida do povo negro, o que ficou ainda mais evidente na oficina de que participei na Escola Municipal José Calil, em Juiz de Fora. A atividade se baseava em um desenho de si próprio como um super-herói, mas algumas crianças negras se desenharam com a aparência branca”, relata a estudante. Ela e os outros oficinairos, Milton João de Souza Neto e Thalys Matheus Barros da Silva, integrantes do Coletivo Descolônia, discutiram com as crianças sobre autoaceitação e a importância de se sentir representado nos seus desenhos. Como resultado, elas se mostraram motivadas a se desenhar como são, “o que tornou gratificante a experiência de ensinar aos pequenos que a beleza está no povo preto também”, destaca.

Ao final de 2019, Monique foi convidada a participar do Ciclo Feminino nas Artes como palestrante, para falar sobre seu projeto. “Apresentar esse trabalho me alertou sobre o impacto de informações que recebi durante os meses. A cultura afro-brasileira e a *decolonialidade* na América Latina são fundamentais no conhecimento de profissionais da área cultural brasileira, essencialmente às pes-



Pintura digital de representação de personagem com o Concept Art

soas negras. A bolsa trouxe o desprendimento da cultura do colonizador e me possibilitou uma entrega maior à minha cultura. Participar do projeto foi fundamental ao meu processo artístico, mas em especial como pessoa em busca de sua identidade”, relata.

Ismael Crispim

FANTASIA AFRO-NOVA: PILHAGEM ANTROPOFÁGICA NA CONSTRUÇÃO DE LUDONARRATIVAS VISUAIS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Monique Onofre Saboia *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadora Professora Eliane Bettocchi Godinho



ECOS DE SUPERAÇÃO

Uma performance intimista e potente. Provocativa e perturbadora. Ao apresentar *Eco* na Semana da Consciência Negra realizada pela Funalfa, em novembro de 2019, Rafael da Costa Leal levou ao Teatro Paschoal Carlos Magno o resultado de sua primeira pesquisa artística individual, *Aquilo que Atravessa a Pele*, desenvolvida ao longo de um ano no Pibiart. O que o público assistiu foi um experimento cênico que explorava a exaustão do corpo como uma espécie de metáfora da resiliência ao racismo estrutural da sociedade brasileira.

O estudante do IAD iniciou sua pesquisa, em janeiro daquele ano, decidido a refletir sobre negritude e construção de identidade, com um olho no passado histórico e outro nas tensões atuais. Buscava, entretanto, aspectos positivos da negritude, que pensava poder encontrar na própria família. “Neste momento me vi diante de um impasse, pois grande parte do conteúdo das entrevistas com meus familiares se tratava de traumas com raízes no racismo, e esse era um assunto que eu não queria explorar na minha pesquisa”, relata Rafael.

Um workshop com artistas da República do Congo sobre o tema “Corpos que Falam”, realizado durante a Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, ajudou o estudante a repensar a pesquisa: “Após a experiência com o grupo, começo a reconhecer a potencialidade do movimento e da expressividade corporal para tratar de questões difíceis de elaborar através da palavra, e nesse momento começo a explorar exaustão física através de ações corporais repetitivas com o objetivo de alcançar a “dissolução” da minha identidade e construir caminhos possíveis para a superação do trauma colonial.”

O processo incluiu preparo físico para enfrentar o esgotamento corporal a que se propunha, a visita a terreiros de umbanda para desenvolvimento da espiritualidade e leituras sobre racismo na perspectiva psicanalista. O resultado foi *Eco*, em que Rafael protagoniza uma mesma ação por 30 minutos: com o corpo sujo de tinta branca, ele pula exaustivamente, de modo a que o suor vá aos poucos removendo a tinta.

Apresentada numa sala do Paschoal Carlos Magno, o que favorecia a interação com o artista, a performance mexeu com o público: durante a encenação, uma senhora intervém, preocupada que Rafael pudesse vir a morrer. Tenta fazer com que ele pare de pular. Outra propõe que o público saia para que ele pare. Mas Rafael persiste até o fim. “Essa ação radical de tentar interromper a performance me fez perceber o quão potente é o estado de presença que consigo criar através da exaustão física do meu corpo e do quanto o trabalho pode crescer como performance”, afirma.

Além do experimento cênico, a pesquisa incluiu a realização de um laboratório de Poéticas do Corpo, realizado na Escola de Artes Pró-Música, com o objetivo de compartilhar os dispositivos de criação empregados em *Eco*, com o desenvolvimento de exercícios de consciência corporal que exploraram a respiração, a sensação de peso, o toque e a relação entre os participantes em movimentações livres.

Izaura Rocha

AQUILO QUE ATRAVESSA A PELE

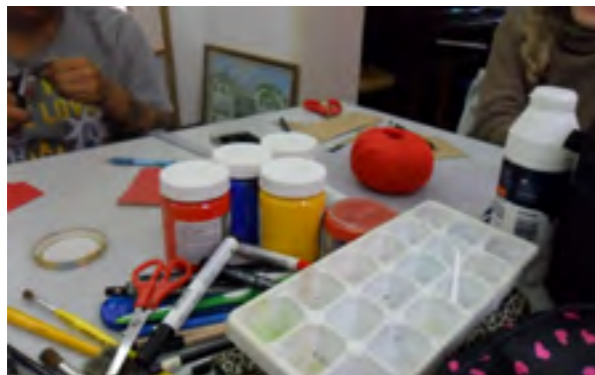
Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Rafael da Costa Leal *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientador Professor Francione Oliveira Carvalho

AUTORRETRATO DO FEMININO

Representar o feminino e seus estigmas nas artes visuais, além das relações sociais entrelaçadas aos papéis de gênero. *Mulheres Múltiplas*, da aluna do Instituto de Artes e Design da UFJF e bolsista do Pibiart Maria Antonia Vieira, é produto de questionamentos quanto à imagem da mulher na sociedade e no meio artístico.

Autoras feministas da segunda onda – entre as décadas de 1960 e 1980 –, que defendiam o sexo como realidade biológica e o gênero como ferramenta de opressão, foram importantes referenciais teóricos para o embasamento do projeto. Os livros de Naomi Wolf, Betty Friedan e Marilyn French deram suporte para reflexões acerca da mistificação da figura feminina.



O projeto ofereceu uma oficina no evento Ciclo de Mulheres

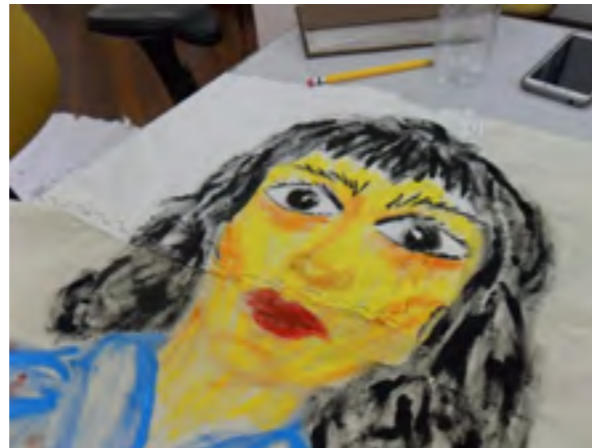
Iniciando a pesquisa teórica com intenção de investigar a diferença entre as visões femininas e masculinas sobre o corpo da mulher, Maria Antonia trouxe ao debate visões antagônicas: a misoginia do feminino internalizada em obras de artistas homens e as decorrentes tentativas de desconstrução dessa misoginia em pinturas produzidas por mulheres. Os estudos se debruçaram exclusivamente em obras dimensionais e que adotam técnicas tradicionais.

A partir dos estudos sobre a presença feminina, a vontade de abrir um espaço criativo para compartilhamento

MULHERES MÚLTIPLAS

Modalidade Mediação Artística • **Bolsista** Maria Antonia do Carmo Vieira *Bacharelado em Artes Visuais* •

Orientadora Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago Mazzoni Marcato



Participantes da oficina produziram autorretratos

e discussões sobre arte e feminismo fomentou a organização da oficina realizada no Ciclo de Mulheres na Arte, na Escola de Artes Pró-Música, em novembro de 2019. Jovens mulheres artistas experimentaram a oportunidade de expressar seus pensamentos e sentimentos em relação às suas escolhas criativas e o seu lugar no mundo.

A oficina também possibilitou um momento para o autoconhecimento das participantes, que tiveram a liberdade para produzir autorretratos com desenhos a lápis, nanquim, pinturas com tinta de tecido, colagens e aquarelas, seguindo as preferências individuais de cada artista, tanto estéticas quanto técnicas.

Com todos os autorretratos já concluídos, uma exposição foi realizada na Escola, unindo diferentes vozes, estilos e emoções. “Ao dividir experiências com jovens artistas e ouvi-las dividindo as suas, pude perceber quanta riqueza e frescor guarda uma jovem mulher e como é dinâmico o encontro de mentes criativas. A arte é uma das muitas vias para se conseguir ter voz e uma bonita forma de se afirmar presente. Ela é sutil, ainda que voraz”, reflete Maria Antonia.

Julia Ugelli

CAPIVARAS MUTANTES

O média-metragem de ficção científica *O Monstro do Paraibuna*, do então aluno do bacharelado em Cinema e Audiovisual da UFJF Leonardo de Souza Amorim, conta a história do professor de biologia Francisco Guimarães, que investiga misteriosas capivaras mutantes e tenta alertar a população local, que o considera louco. O trabalho teve início no projeto de extensão Cineclubes Movimento e em 2019 obteve o apoio do Pibiart. Ao todo, a pesquisa experimental teve dois anos de duração. Ao longo da participação do estudante no cineclu-

além de buscar deixar os diálogos mais naturais. Durante o tratamento do roteiro, realizei um documentário que veio a se chamar *Vozes do Paraibuna*, para o qual entrevistei professores de biologia, geografia, artes, ativista ambiental e político, a fim de me aprofundar no tema de minha pesquisa”, relata.

O trabalho começou a caminhar em direção às gravações ainda no mesmo período, através da disciplina Produção Audiovisual e Economia da Cultura, ministrada pela pro-



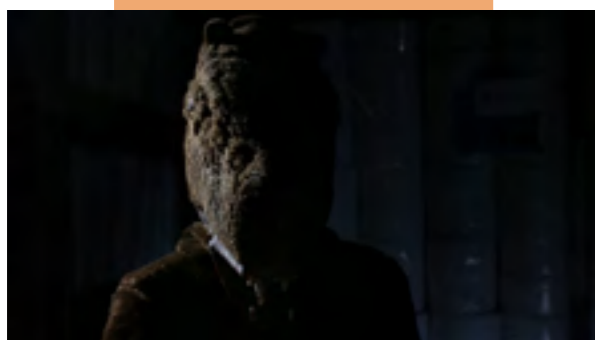
Cena da ficção científica “O Monstro do Paraibuna”

be, foi possível criar o argumento de ficção científica, desenvolvido com a participação de Felipe Fontenelle. O projeto também se tornou o trabalho de conclusão de curso de Leonardo.

Ele conta que o desenvolvimento do roteiro teve muita influência das aulas do professor Sérgio Puccini, que ensinou a formatação deste gênero textual na disciplina Cinema e Diálogos no primeiro ciclo do curso. Todavia, a obra foi aprofundada no primeiro período do segundo ciclo, durante a disciplina Roteiro: Teoria e Prática. “Fontenelle e eu passamos a nos preocupar mais com o arco de cada personagem e a descrição de cada cena,

fessora Alessandra Brum. As aulas versavam a respeito do processo de produção de um filme e leis de incentivo para submissão de projetos. Uma das avaliações foi uma prática de set, na qual Leonardo desenvolveu a produção de uma das cenas de seu roteiro e passou a se preocupar mais com a equipe que trabalharia com ele.

“Apesar desta cena não ter sido aproveitada na presente versão do filme, essa avaliação teve fundamental importância, pois realmente ganhei vivência de gravação em equipe e aprendi a ouvir mais os diferentes posicionamentos dos colegas de set. Conheci melhor sobre cada função que deveria ser desempenhada pela



Cenas de "O Monstro do Paraíba"

equipe", explica. A outra avaliação da disciplina foi a apresentação de um *pitch* - um seminário onde cada aluno pôde apresentar seu projeto e, assim, Leonardo recebeu um *feedback* de sua turma, o que colaborou para o amadurecimento de suas ideias.

Após a aprovação do projeto no Pibiart, teve início efetivamente a produção de *O Monstro do Paraíba*, buscando os integrantes para a equipe técnica e o elenco. Nesta etapa, a principal referência metodológica foi extraída do livro *O Cinema e a Produção*, de Chris Rodrigues. Foram realizadas reuniões e ensaios no Forum da Cultura, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas e no Museu de Arte Murilo Mendes. Com equipe e elen-

co estabelecidos, o passo seguinte foi a decupagem do roteiro com base em visitas técnicas às gravações, que foram complementadas pelo desenho de plantas baixas e *storyboards* para definir como seria gravada cada cena, incluindo enquadramentos e movimentação dos atores.

O design de produção contou com a direção de arte de Laura Helena, que confeccionou os figurinos das capivaras mutantes com o apoio do curso de Moda da UFJF. Alguns figurinos foram comprados em brechós, como a farda dos policiais. Entretanto, muitos objetos cênicos foram produzidos pela própria equipe, como algumas armas de papelão e uma válvula de escape de usina hidrelétrica, feita com mangueira e cano PVC reciclados. As cenas tiveram locações bastante diversas e criativas: algumas foram gravadas em ambientes da universidade, outras em bairros de Juiz de Fora, na Usina de Marmelos, na trilha do Morro do Imperador, no Clube Náutico, além de cidades menores próximas, como Bicas e Santos Dumont.

Leonardo explica que os conceitos de edição e montagem tiveram influência da disciplina Montagem e Edição, ministrada pelo professor Luís Alberto Rocha Melo, que trouxe teorias e práticas que permitiram a ampliação do conhecimento em torno não apenas do desenvolvimento histórico da teoria da montagem, mas também das relações sobre as quais ela se desenvolveu até a contemporânea manipulação digital dos planos.

Tão logo termine o período de isolamento social, devido à pandemia do novo coronavírus, o trabalho será apresentado ao público em sua versão curta-metragem, possivelmente em espaços da UFJF, como o Museu de Arte Murilo Mendes e a Sala de Cinema do IAD, reunindo os espectadores a fim de fomentar debates. Em seguida, o objetivo será divulgá-lo e distribuí-lo através de festivais e mostras de cinema.

Ismael Crispim

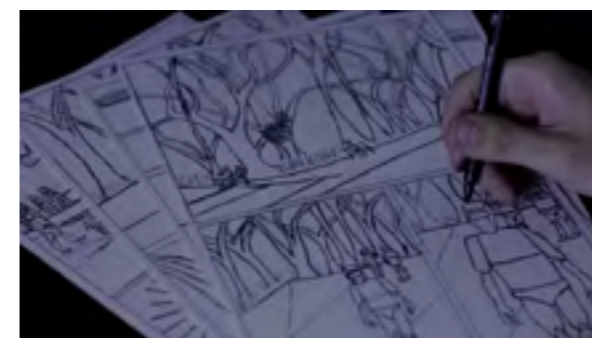
A PRODUÇÃO DA FICÇÃO CIENTÍFICA - O MONSTRO DO PARAIBUNA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Leonardo de Souza Amorim *Bacharelado Interdisciplinar em Artes (Cinema e Audiovisual)* . **Orientador** Professor Sérgio José Puccini Soares

DIÁLOGOS MUDOS



A preservação ambiental e histórica é o foco do projeto *Arte, meio ambiente e escola: um diálogo sobre conscientização*, realizado por Luiz Fernando de Souza Pinedo. A proposta era levantar reflexões acerca da temática ambiental e discutir a preservação de espaços através de um produto literário - uma HQ - que, além de entreter os leitores, pudesse ser também um material didático para escolas.

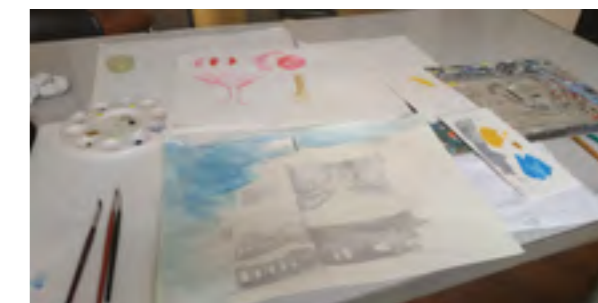


A proposta é uma HQ que seja também um material didático

A inspiração inicial foram revistas do super-herói *Homem-Animal*, da DC Comics, com histórias que focam diretamente a causa ambiental e animal, mas a leitura de *Um Pedaco de Madeira e Aço*, uma HQ sem diálogos de autoria do francês Christophe Chabouté, levou Luiz Fernando a optar por uma proposta mais reflexiva e simbólica. O roteiro sofreu mudanças na temática, passando a focar exclusivamente a preservação de referência histórica e social que, com o tempo, é abandonado e esquecido. Luiz Fernando buscou referências visuais na região, como casarões e prédios históricos, locais de memória e representação da herança cultural social.

Coincidentemente, o projeto levou o bolsista a ministrar uma oficina no casarão da Escola de Artes Pró-Mú-

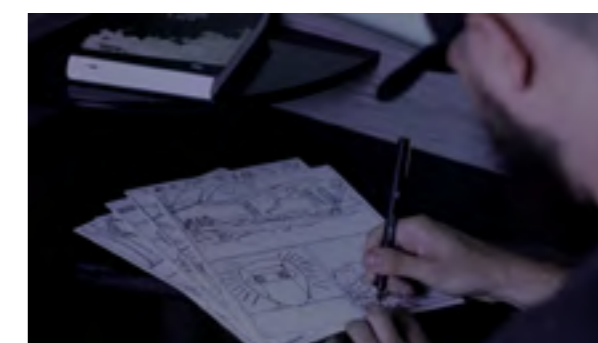
sica, local que é referência histórica em Juiz de Fora: "[...] sem essa experiência acredito que o projeto não seria o mesmo, pois essa oficina me permitiu contribuir com algo que julgo ser extremamente importante desde meus primeiros semestres como estudante da UFJF, que é a devolução do conhecimento que adquirimos na universidade para a sociedade, trazer o que está sendo produzido na UFJF para a cidade e dessa forma também trazer a cidade para dentro da UFJF", afirma.



O projeto desenvolvido incluiu a realização de uma oficina

O *storyboard* da história em quadrinhos tem 13 páginas sobre um antigo museu abandonado pela sociedade, mesmo cercado por uma praça bem movimentada. A HQ será transformada em arquivo digital disponível on-line, com a arte em aquarela finalizada e digitalizada, para que futuramente possa se tornar um material didático publicado e conscientize as futuras gerações sobre a necessidade de preservação histórica.

Natália Miranda



O roteiro mudou para se adequar a uma abordagem mais reflexiva

ARTE, MEIO AMBIENTE E ESCOLA: UM DIÁLOGO SOBRE CONSCIENTIZAÇÃO

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Luiz Fernando de Souza Pinedo *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadores** Professores Renato Melo Amorim e Francione Oliveira Carvalho



POÉTICA CONTRA A BARBÁRIE

Sessenta mil penas azuis carimbadas com as letras CHPB. Impunidade e encobrimento. A instalação artística *Do Juízo (às penas e das plumas) ao Implícito*, de Renato Soares, exposta por um mês no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, trouxe uma visão poética de recordação e respeito às vítimas do primeiro hospital psiquiátrico de Minas Gerais.

Inaugurado em 1903, o antigo Hospital Colônia de Barbacena – atualmente Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena –, foi o local onde estima-se a morte de 60 mil pessoas, vítimas de abusos físicos, psíquicos e morais. Mais de 100 anos depois, em janeiro de 2019, uma visita ao *Museu da Loucura*, reconhecido por abrigar o acervo que conta a história do hospital, instigou Renato a idealizar um projeto artístico com objetivo de memorar as vítimas de Juiz de Fora que lá sofreram atrocidades.

O aluno do IAD relembra que a experiência de conhecer o local não atingiu suas expectativas: “Esperava uma atmosfera mórbida, mais vigorosa em remorso

e registros, e encontrei o oposto. Certo que havia registros, mas a forma como foram organizados só demonstrava uma surpreendente falta de sensibilidade com toda a barbárie que aconteceu, tão extensivamente, ali”, ressalta.

Além disso, o impedimento estatal de acesso às informações sobre o Hospital por parte do Museu também se tornou um empecilho para atingir o objetivo final. Renato, portanto, decidiu seguir o caminho de uma abordagem geral sobre o hospital psiquiátrico. Sua pesquisa teórica teve como base o livro *Holocausto Brasileiro*, da jornalista Daniela Arbex, e leituras complementares sobre a história de manicômios, prisões e como a arte retrata catástrofes. Notas tomadas em um memorial descritivo em forma de diário durante a visita ao Museu também auxiliaram nas concepções e nas ideias do estudante.

Apresentada na Galeria Narcisse Szymanowski, no CCBM, a primeira montagem de exposição feita por Re-



Do Juízo (às penas e das plumas) ao Implícito foi apresentada no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas

nato reuniu 60 mil penas azuis carimbadas com as iniciais “CHPB”, representando não apenas o âmbito da Legalidade, como também uma referência ao pássaro Azulão, nome dado ao uniforme que os pacientes usavam.

Buscando mais que uma estatística, o artista optou por um mural com 717 fotos em formato 3x4 dos rostos das vítimas, impressos em uma placa de PVC: “Queria colocar nela todas as pessoas que estivessem em fotografias e vídeos, mesmo que seus rostos fossem parcialmente visíveis. Não obtive retorno das entidades governamentais responsáveis por fornecer acesso aos registros. Os recolhi, então, em fotografias de Luiz Alfredo e no documentário de Helvécio Ratton, ‘Em Nome da Razão’”. Fincada no meio das penas estava a

bandeira de Minas Gerais, mas somente com parte do lema dos inconfidentes em latim, *QUAE SERA*.

Realizada em uma galeria pública, central e gratuita, a mostra cumpriu com o impacto social que também buscava. A exposição teve a visita de pacientes do Centro de Atenção Psicossocial e de estudantes da rede pública de ensino de Juiz de Fora. “Se por um lado os impasses burocráticos com órgãos públicos me impossibilitaram atingir as metas propostas inicialmente, por outro me levaram a pensar em alternativas mais abstratas - o que revelou um eco, ainda persistente, de entusiasmo em continuar trabalhando com objetos e instalações”, ele finaliza.

Caroline Crovato

DO JUÍZO (ÀS PENAS E DAS PLUMAS AO) IMPLÍCITO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Renato Soares *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientador Professora Júlia Milward

LENDO IMAGENS

Linhas, formas, direção e cor são elementos de linguagem visual que os artistas dominam e manejam com conhecimento e precisão na construção de suas obras. Saber fazer essa leitura de imagens enriquece a experiência do espectador de artes visuais. Com seu projeto *Museu Itinerante*, a aluna Isabela Fernandes Lima Silva desenvolveu um método lúdico e diferenciado de ensino de arte: o jogo de cartas *Vivemos*. A proposta era estimular a participação ativa do aluno no processo de aprendizado – algo que, em suas versões impressa e digital, o jogo oferece através da associação entre elementos da linguagem visual e obras de arte.

Segundo Isabela, o jogo também deveria contribuir para ampliar a perspectiva dos participantes com a representação de gêneros artísticos negligenciados no ensino de artes visuais – como a gravura e as cerâmicas



Versão impressa do baralho de “Vivemos”

utilitárias -, além de introduzir trabalhos “que mostram uma visão diferente dos estereótipos reproduzidos em relação a culturas não-europeias, incentivando assim o ensino de uma história da arte mais inclusiva e diversa”.

O desenvolvimento do projeto incluiu catalogação, curadoria de obras, criação da identidade visual, produção das cartas, *template*, folhetos de regras, kit de pôsteres e panfleto de divulgação, bem como pesquisa adicional para o blog e preparação de um modelo inicial de website para a postagem das ferramentas criadas. Com base em obras bibliográficas de referência em linguagem visual e história da arte, Isabela pesquisou,

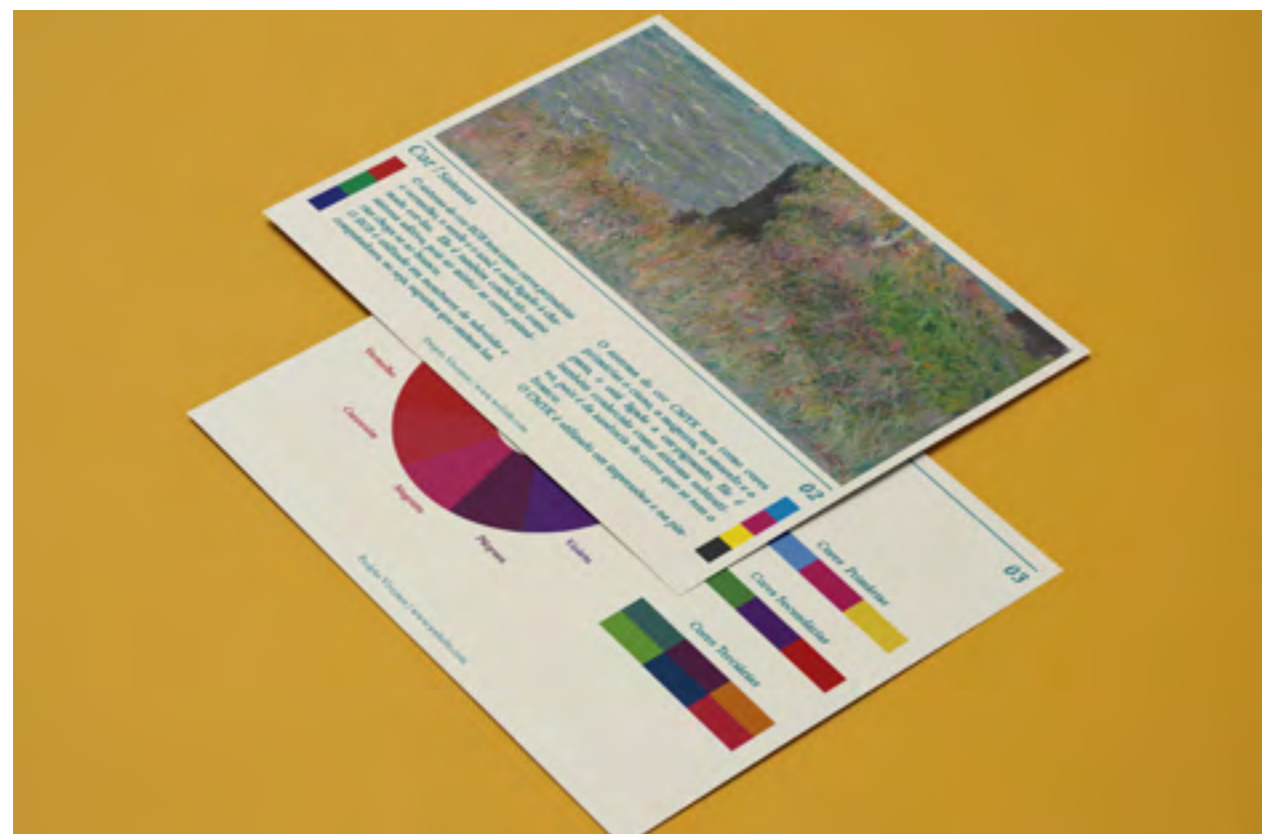
analisou e selecionou 35 movimentos e períodos artísticos, a partir dos quais definiu os artistas cujas obras estampariam os baralhos de história da arte (35 cartas) e de linguagem visual (17 cartas), além do material de apoio, formado pelo kit de pôsteres sobre os diversos elementos visuais do jogo.

As obras escolhidas como representantes das tendências estéticas e conceituais desses períodos foram obtidas em bancos online de museus como Metropolitan, Tate Modern e The J. Paul Getty Museum, que disponibilizam licenças em domínio público ou direito de reprodução e edição das imagens. A bolsista também selecionou os elementos visuais a serem abordados pelo jogo, considerando a frequência com que aparecem nas obras e a facilidade de serem compreendidos e detectados por parte dos estudantes.

Para divulgação do projeto, Isabela idealizou o protótipo de um site com disponibilização de download dos materiais didáticos, ainda não disponível devido à necessidade de prorrogar os testes e possíveis revisões do jogo e materiais. Animada com os resultados alcançados, Isabela planeja ampliar o projeto com a continuação da série de pôsteres de linguagem visual, a produção de uma nova série de pôsteres para história da arte, um glossário de termos artísticos, além de sessões de aplicação do jogo e lançamento do website.

“Quando publicado, o *Vivemos* tem o potencial de se tornar um recurso confiável, flexível e gratuito para educadores e estudantes, auxiliando na difusão dos ideais de democratização do acesso a arte e alfabetização visual”, assegura a bolsista.

Izaura Rocha



Pôsteres que explicam os conceitos de linguagem visual usados no jogo



Template para o jogo digital “Vivemos”

MUSEU ITINERANTE - Criação de Jogo de Cartas para o Ensino de Linguagem Visual e História da Arte

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Isabela Fernandes Lima Silva *Bacharelado em Artes Visuais* .

Orientadora Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago



VESTÍGIOS DE UM PASSADO GLORIOSO

Se uma imagem vale mais do que mil palavras, então o legado que o projeto *Reminiscências da Cidade* deixa para Juiz de Fora se destaca entre iniciativas para preservação da memória local, como oportuno inventário fotográfico de parte do patrimônio arquitetônico e cultural do município. Sob as lentes da bolsista Nina de Faria Cristofaro, ganham vida os vestígios de um tempo glorioso, em que alcunhas como Manchester Mineira e Atenas de Minas definiam a efervescência econômica e artística no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX.

Ao percorrer o centro da cidade, Nina se deparou com as construções que sobreviveram às mudanças e aos impactos do processo de urbanização e desenvolvimento que lhe foram impostos. A partir de pesquisas *in loco*, estudos em livros, visitas guiadas e informações documentadas em instituições como a Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa), ela partiu para a realização de um acervo fotográfico que, muito além de revisitar o passado, cumpre a função social de valorizar a memória e a história de Juiz de Fora.

“A fotografia nos ajuda a refletir e conhecer, através de seu caráter testemunhal, as mudanças durante o passar dos séculos, desde a construção dos imóveis até como se apresentam na atualidade. Ao compartilhar um inventário de memórias fotográficas, convido à reflexão sobre a história da cidade e a importância dos monumentos”, relata. Sua pesquisa investiga os tombamentos a partir de um patrimônio arquitetônico extenso e diverso, que totaliza 172 bens históricos em estilos que passeiam entre o eclético, o *art déco* e o moderno.

O Instagram foi escolhido para o compartilhamento das imagens em face do seu alcance e por se apresentar como uma galeria de fotos. Assim, foram realizadas postagens sobre os imóveis e seus detalhes, com informações sobre sua história e sua arquitetura. “Esse processo me trouxe reflexões sobre as relações entre as pessoas e os bens históricos, já que muitos compartilham histórias sobre o que sabem ou viveram em um monumento. Outra reflexão foi sobre esse conhecimento que é trazido virtualmente e a relação que as pessoas têm sobre ele e a fotografia digital”.

Observando que as mudanças tecnológicas e as relações estabelecidas entre as mídias virtuais apresentam novas formas de lidar com a memória, a bolsista ressalta também a importância da fotografia como documento que pode ser utilizado em estudos científicos, auxiliando em trabalhos de restauro. “Por fim, o projeto *Reminiscência da Cidade* contribui na formação acadêmica, por ser interdisciplinar e abranger estudos que dialogam com as áreas das artes, arquitetura, história e sociologia”.

Encerrando o projeto sob a orientação da professora Renata Maia Zago, Nina ressalta que “registrar esse passado é, conseqüentemente, uma busca pela identidade do lugar, ou seja, caracteriza-se com uma busca pela preservação do que é tradicional na cidade, do que constitui como memória coletiva dos vestígios significativos de sua história”.

Katia Dias

REMINISCÊNCIAS DA CIDADE

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Nina de Faria Cristofaro *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadora Professora Renata Maia Zago

PINTAR PARA NÃO ESQUECER

Releituras de paisagens históricas de Juiz de Fora, que carregam um valor notório para seu povo, expressas por pinturas. Esta foi a proposta do projeto artístico cultural *Reminiscências: As paisagens históricas de Juiz de Fora no imaginário coletivo*, elaborado pela estudante de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, Camila Loureiro Silva.

O trabalho surgiu a partir da percepção da aluna sobre como o ambiente urbano de Juiz de Fora ainda preserva edificações históricas que resistem à transformação da paisagem ao redor e são relevantes para o cidadão construir uma conexão afetiva com a cidade. Por meio de uma observação mais atenta, Camila também se deparou com as condições precárias e preocupantes de conservação que algumas dessas construções apresentavam, pela deficiência de ações de salvaguarda por parte do poder público ou pela ação natural do tempo. Segundo a estudante, essas circunstâncias afastam os habitantes dessas localidades e enfraquecem os parâmetros identitários importantes para a sociedade.



Largo do Riachuelo, uma das áreas de interesse histórico da cidade

Com o objetivo de estimular o imaginário dos moradores e incitar novos vínculos afetivos com a cidade, o projeto buscou, ao longo de 2019, produzir oito expressões manuais artísticas das edificações e espaços públicos que impactam e influenciam o ordenamento, o estilo arquitetônico e a expressividade cultural da cidade.



Palacete Fellet

Fazenda Tapera, uma das construções mais antigas da cidade; Usina de Marmelos, pioneira na América do Sul; Palacete Fellet, símbolo da ascensão social de uma família imigrante; Villa Ferreira Lage, parte integrante do Museu Mariano Procópio; Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, antiga fábrica de tecelagem; Fazenda do Juiz de Fora, sobrado onde teria vivido o magistrado que inspirou o nome da cidade; Largo do Riachuelo e Parque Halfeld, espaços públicos históricos, foram os locais selecionados para serem representados através de produções artísticas. A escolha foi norteada por pesquisas bibliográficas, coleta de dados históricos e estudos iconográficos e cartográficos de antigas representações da cidade – digitais e não digitais.

Para a elaboração das releituras, em sete delas foi escolhido o papel Canson de gramatura alta, textura ca-

nelada e ph neutro, nas dimensões 297mm x 420mm, utilizando técnicas mistas com tinta acrílica, pastel e aquarela. Em uma das representações foi escolhida uma tela de 46cm x 38cm, e somente a tinta acrílica foi utilizada.



A pioneira Usina de Marmelos, hoje um museu

Para Camila Loureiro, estudar sobre a área de preservação do patrimônio cultural foi uma experiência que contribuiu para o aperfeiçoamento de sua capacidade de representação dos espaços e para o aprofundamento dos conhecimentos sobre a historicidade de Juiz de Fora. Segundo a estudante, participar do Pi-biart conciliou seu entusiasmo pelo tema com a vontade de criar: “Tal interesse dialoga diretamente com meu grande apreço por manifestações artísticas que possibilitam a reprodução, reformulação e reintegra-

ção das paisagens da cidade, transformando o espaço em tempo e tornando-o vivo novamente”, afirma a bolsista. Uma frase sintetiza sua proposta: “Pinto paisagens históricas para que [as pessoas] não se esqueçam” [delas].

Devido ao contexto da pandemia, a bolsista não pôde realizar uma exposição dos trabalhos, mas, em contrapartida, decidiu desenvolver uma cartilha digital, que deverá ser publicada em um site e em um perfil no Instagram. Quando as condições permitirem, Camila pretende realizar a exposição das pinturas produzidas no projeto de iniciação artística.

Caroline Crovato

REMINISCÊNCIAS: AS PAISAGENS HISTÓRICAS DE JUIZ DE FORA NO IMAGINÁRIO COLETIVO DA CIDADE

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Camila Loureiro Silva *Arquitetura e Urbanismo* . **Orientadores** Professores Ana Aparecida Barbosa Pereira e Ricardo Ferreira Lopes



A estrutura metálica tridimensional do Palacete Santa Mafalda foi realizada a partir de sucata metálica em estado de corrosão

ARTE CONTRA O DESCASO

No rastro de suas memórias, o bolsista Wallace Faria Ferreira mergulhou de corpo e alma na construção de uma estrutura em metal oxidado que revisita o Palacete Santa Mafalda. Mais do que um prédio carregado de história, em que pese a íntima relação com o Império e o tombamento estadual do edifício que ocupa a esquina da Avenida Barão do Rio Branco e da Rua Braz Bernardino, para o bolsista o que conta é o protesto contra o descaso com a educação de base pública no país.

Na inspiração para o projeto *Aquele ato de sucatear* estão lembranças pessoais e a construção de sua identidade como aluno do ensino médio na então sede da Escola Estadual Delfim Moreira, onde o estado de pre-

servação do espaço acabou originando interrupções nas aulas e a mobilização dos alunos em prol de reparos que se faziam urgentes.

“Por conta do estado estrutural do Palacete, fomos transferidos para um prédio nas proximidades, onde, a partir da segunda metade de 2013, a escola funcionaria temporariamente”, lembra. Sete anos da mudança da escola se passaram e nada havia sido feito. Só em janeiro de 2020 o Governo do estado sinalizou o início de obras no local.

“Estes são apenas recortes de minhas vivências e fatores que influenciaram meu projeto”, conta. Como estu-

do primário do trabalho, o bolsista fotografou o interior do casarão, e, para ter referências externas, buscou em prédios vizinhos uma visão da parte superior do Palacete. Para estudar a estrutura e definir proporções válidas, procurou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e, em seguida, a Funalfa, onde fotografou duas plantas do edifício.

O orientador do projeto, professor Róber Dias Rotelho, inseriu técnicas para auxiliar no cálculo da proporção real para miniatura. “A gente discutia também os principais disparadores do projeto, sua poética, os fatores pessoais e comunitários, e como eles afeta-



vam, ou não, a representação. As proporções resultantes das plantas não me agradavam, foi quando preferi deixar as plantas de lado e traçar, a partir das fotos, uma proporção mais afetiva”.

Wallace lembra que a produção da peça em metal foi afetada, inicialmente, pela falta de autorização para utilização da oficina de serralheria no IAD. “Busquei a ajuda de serralheiros para uma abordagem de análises técnicas e, em alguns casos, manuais, com ferramentas



não muito convencionais”, conta, ressaltando sua opção primordial pelo vínculo manual na produção”.

Para o proponente, foi importante observar que uma ideia aparentemente simples pode se desdobrar em múltiplos questionamentos. “Pude vivenciar, descobrir ambientes, conhecer pessoas e obter informações que eu nem sabia que estavam disponíveis. A peça, enquanto objeto, já satisfaz visualmente minha proposta inicial, mas não acho que esteja encerrada. Sobre o tema, ainda tem muito a discutir”, diz, sinalizando para esse trabalho como inspiração para o TCC.

Com a migração de seu projeto para a modalidade de mediação artística, Wallace também ministrou uma oficina no final de 2019, na Escola de Artes Pró-Música, que tratou da modelagem de personagens em diferentes materiais desde sua estruturação até acabamentos e pintura. “Foi ótimo passar adiante alguns conceitos e experiências vivenciadas por mim”.

Katia Dias

AQUELE ATO DE SUCATEAR

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Wallace Faria Ferreira *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientador Professor Róber Dias Rotelho

FRAGMENTOS URBANOS



Chalé da Avenida Rio Branco (demolido)

Ressignificação do patrimônio histórico e cultural de Juiz de Fora é o tema do projeto *Fragmentos: Arte e história narradas em fachadas Juiz-foranas*, realizado por Felipe Oliveira Macedo, e que consiste na produção de maquetes emolduradas de edifícios arquitetonicamente representativos do desenvolvimento urbano de Juiz de Fora.

Para auxílio técnico na produção de maquetes arquitetônicas, a princípio foram realizadas pesquisas para maior compreensão das características morfológicas das fachadas através do contexto histórico e social em que as edificações foram construídas, além da evolução dos padrões estéticos e artísticos observados em relação às obras urbanas. A escolha dos edifícios que seriam representados em escala reduzida foi feita de acordo com as características estéticas que evidenciam a história da cidade, considerando bens tombados e edifícios já demolidos.

Ao todo foram escolhidas dez edificações, dentre as quais estão a Fazenda da Tapera (bloco mais antigo



Fazenda da Tapera

edificado), a Villa Mariano (torreão principal, atualmente como Museu Mariano Procópio), o Colégio Stella Matutina (demolido em 1985), Usina de Marmelos (atualmente funciona como museu Marmelos Zero), Villa Iracema (atualmente em restauro), o Chalé da Avenida Rio Branco (demolido em 2003), a Casa Magalhães (Avenida Getúlio Vargas), o Colégio Magister (demolido em 2005), o Centro Empresarial Dr. Alberto Vieira Lima (Avenida Rio Branco, 2985) e o Centro de Ciências (UFJF).

Durante a realização de pesquisas e levantamentos sobre os materiais iconográficos, como mapas, documentos e projetos arquitetônicos, foi preciso uma busca mais complexa por referências de construções já demolidas em blogs da cidade, que possuem raro acervo documentado e fotográfico: “Nesta etapa, percebeu-se que o projeto tomava proporções inesperadas, e que as peças finais dos edifícios demolidos seriam de importância extrema na apresentação do projeto à população, reafirmando a necessidade de uma manutenção da memória histórica da cidade”, afirma Felipe.

Como resultado, foram desenvolvidas oficinas na Escola de Artes Pró-Música, com intuito de reproduzir ensinamentos e práticas pesquisados durante todo o projeto. Abertas ao público, as oficinas contaram com a apresentação e a execução das técnicas e, ao final das



Maquete do Colégio Stella Matutina, demolido na década de 1980

aulas, cada inscrito deveria construir uma fachada de sua preferência.

“A história do desenvolvimento urbano de Juiz de Fora, suas edificações e associação com os movimentos artísticos em nível mundial foram pautas da introdução e contextualização histórica na oficina, além da exposição e a prática das técnicas desenvolvidas durante o projeto. Os alunos puderam aprender os principais materiais e processos na concepção de representações volumétricas e construção de maquetes” explica Felipe.

A complexidade do trabalho e as dificuldades encontradas no levantamento de referências documentais

impediram que Felipe concluísse todas as maquetes previstas pelo projeto. A importância de sua iniciativa, porém, foi reconhecida e ele prossegue com a produção das maquetes em 2020, graças ao patrocínio de parcerias privadas para custeio dos materiais. Felipe pretende realizar uma exposição no segundo semestre de 2021, com o objetivo de apresentar à sociedade parte da história do desenvolvimento urbano de Juiz de Fora e despertar seu interesse pela preservação do patrimônio histórico da cidade.

Natália Miranda

FRAGMENTOS: ARTE E HISTÓRIA NARRADAS EM FACHADAS JUIZ-FORANAS

Modalidade - Mediação Artística . **Bolsista** - Felipe Oliveira Macedo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo .

Orientadores - Professores Ana Aparecida Barbosa Pereira e Carlos Eduardo Ribeiro Silveira



Técnicas de pinturas e desenhos foram empregados na customização de peças

POTÊNCIA E EXPERIMENTAÇÃO

A principal tendência da moda na contemporaneidade parece mesmo já ter nome: ressignificação. Mas o que estará por vir? Essa era só uma das inúmeras indagações que foram pontos de partida para o início do projeto *Ressignificação Indumentária*, de Maria Julia Xavier, aluna do Instituto de Artes e Design da UFJF e bolsista do Pibart.

Olhar para a moda como uma possibilidade de o corpo fazer desvios de situações pré-estabelecidas ainda em seu nascimento, quando se trata de sexo, gênero e sexualidade, permite refletir sobre a liberdade para ser e vestir o que se quiser. Questionar o poder das vestimentas como forma de experimentação e posicionamento, reconhecendo a possibilidade de expressões originais, pluralidade e mutabilidade, é também pensar de que forma o mercado tem fornecido produtos a essa variedade de corpos.

A partir da bibliografia acadêmica voltada à temática, Maria Julia investigou sobre o papel da moda, desde a apropriação usada pelo mercado neoliberal com a venda de identidade e personas simpáticas à busca pela felicidade até o *slow fashion*, que traz um consumo mais consciente, desacelerado e humanizado das peças.

Ao contextualizar costumes atuais da moda que conversam com comportamentos sociais e credos ideológicos do mercado, a estudante realizou estudos de casos de marcas e materiais alternativos que respeitam o tripé da sustentabilidade, sendo economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente correto, além da transparência das marcas em seu processo produtivo perante o público consumidor.

O processo de estudo incluiu testes práticos em tentativas de estilização de peças de roupas a partir do



Objetos que seriam descartáveis ganharam novo significado

tingimento natural, com restos de alimentos e fixadores encontrados em casa, como bicarbonato de sódio, vinagre e pedra hume. Além da etapa dos tingimentos, técnicas de pinturas e desenhos na customização de blusas e jaquetas também foram aplicadas, assim como o uso de objetos que seriam descartados, mas que logo puderam ser ressignificados. Uma forma de viabilizar e explorar maneiras de personalizar vestimentas para quem a veste, de modo a gerar a menor quantidade de resíduos possível.

Uma outra experiência prática foi realizada a partir de uma oficina no Ciclo de Mulheres na Arte, na Escola de Artes Pró-Música, em novembro de 2019. Trocas de experiências e conversas com pessoas que trabalham com moda e têm constante contato com vestuários fo-

ram bastante interessantes para refletir sobre o ato de se vestir como postura política e social, além da importância de reutilizar materiais e repensar algo já pronto. Na oficina, as participantes tiveram espaço para ressignificar peças trazidas e compartilhadas.

“

Pensar o consumo, a identidade, o slow fashion e o que é a moda em si. A gente acaba se dando conta de que a moda está nas ruas, é a pessoa do seu lado no ônibus, é sobre o jeito que está sendo passada e como respondemos a ela. Precisamos pensar em uma moda mais cíclica e democrática”, reflete Maria Julia.

Julia Ugelli

RESSIGNIFICAÇÃO INDUMENTÁRIA

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Maria Julia Ourique Xavier *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadoras Professoras Renata Cristina de Oliveira Maia Zago e Vanessa Raquel Lambert

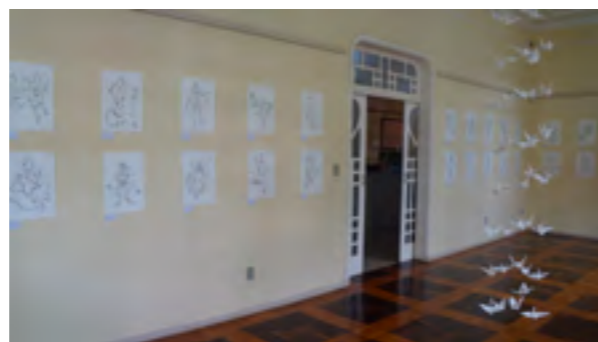
RABISCOS DE UMA ALMA INQUIETA

Caldeirão de emoções, onde fervilham pitadas de escultura, desenho e fotografia, o projeto *Rabiscos – Contínuo*, de Raphael Nascimento Leite, tem também vídeos, artigos e oficinas que chegaram ao público em 2019, no rastro de criações que remontam a um tempo anterior. Em 2017, a alma inquieta e questionadora do estudante já espelhava seu interesse em arte e psicologia, produzindo uma série de trabalhos que resultaram em exposições em Juiz de Fora e outras paragens, como o Museu e a Pinacoteca da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Só no período da bolsa, realizou duas individuais e participou de quatro coletivas.



Em 2019, o trabalho foi apresentado em duas individuais e quatro mostras coletivas

Raphael conta que, no início, os contratempos eram muitos e às vezes deixava de comer para comprar o papel dos desenhos. Em 2018, os problemas se agravaram, ficou sem ter onde morar até ser acolhido na casa de um amigo por alguns meses, e enfrentou a depressão. “O Pibiart me proporcionou investir um pouco mais no trabalho, levar os desenhos para fora da cidade e alcançar mais seguidores nas mídias sociais. Ajudou demais também para que eu conseguisse terminar o meu curso no Instituto de Artes e Design”.



“Rabiscos” em exposição no Museu e Pinacoteca da UFRV, em abril de 2029

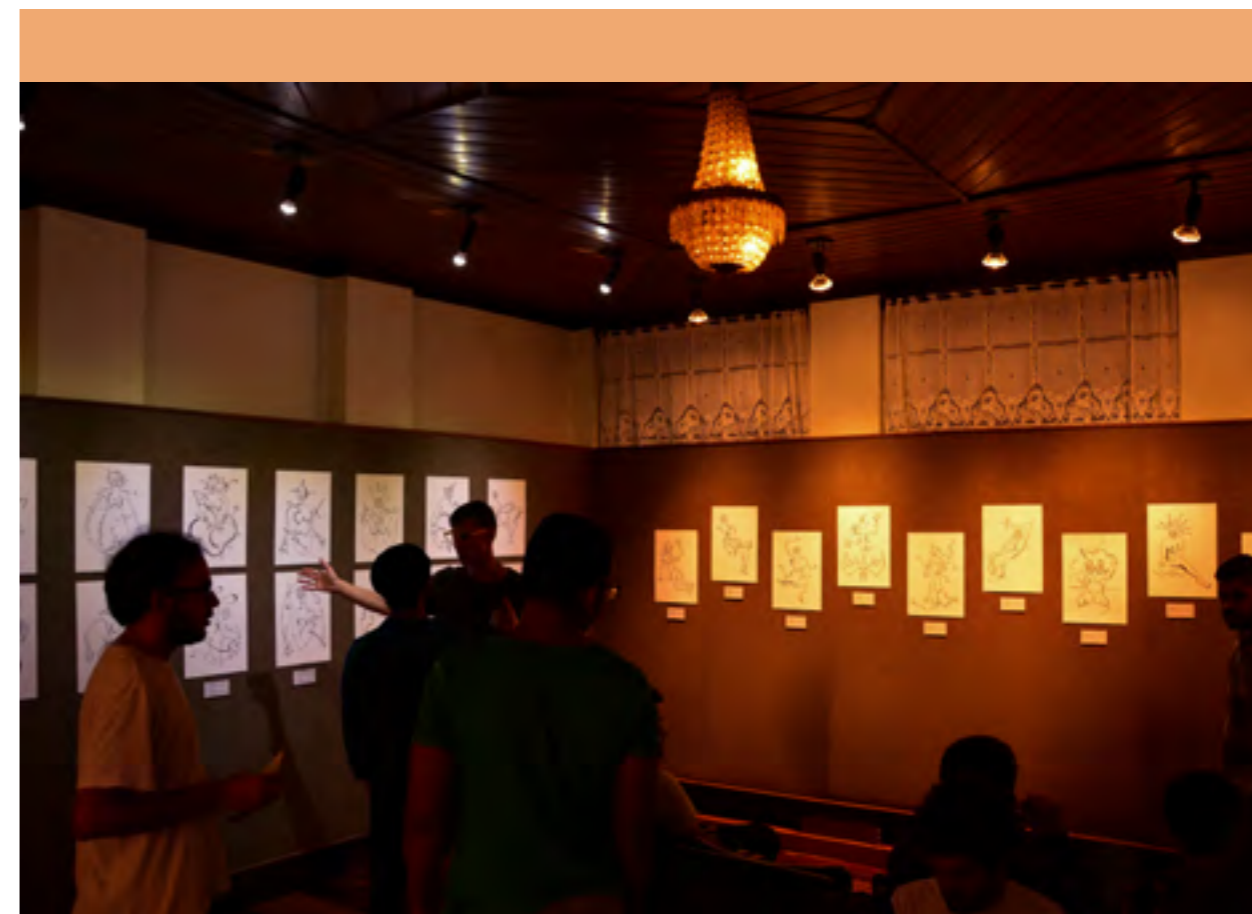
Com todos os desafios, o bolsista não se rendeu e trabalhou para que seus *Rabiscos* rendessem 25 novos desenhos, sendo que há outros seis prontos, faltando a finalização: “Os cortes das artes em MDF estão sendo produzidos aos poucos. É um processo caro, que demanda tempo para produção, vetorização do desenho, encaminhamento a um colega do curso de Engenharia Elétrica para uso de um Manipulador Robótico e, só depois disso tudo, finalizar com o corte na gráfica”.

A ideia era desenvolver entre 20 a 40 esculturas ou, caso isso não fosse possível, dar continuidade aos desenhos que vinham sendo feitos anteriormente. “Também produzi uma série de fotografias em que apareço desenhando. Foi interessante para colocar nas redes sociais e guardar como recordação. Cada desenho possui um ensaio com quatro fotografias. Além disso, conduzi a oficina gratuita de Vetorização e Mockups na Escola de Artes Pró-Música. Foram inscritos 22 alunos, embora apenas nove tenham comparecido às aulas”.

Dono de uma poética própria, em que figuras e linhas parecem se movimentar com um propósito, Raphael diz que artistas geralmente são negligenciados e não vistos como trabalhadores. “Diferente disso, a bolsa me deu um amparo, como se dissesse para mim que, apesar de todas as dificuldades, o meu projeto tinha importância. Essa bolsa representou (e representa) um trabalho para que eu seja artista, produza minha pesquisa, continue a estudar (agora Psicologia) e me aprofunde ainda mais em Arteterapia. Em um momento em que constatamos desmontes públicos, ver a UFV lutando por esse tipo de projeto nos faz mais fortes para continuar produzindo mesmo em tempos de pandemia”.

Raphael destaca que seu pré-projeto de pesquisa dentro do IAD e seu futuro TCC no curso de Psicologia foram impactados diretamente pela bolsa. “Agora, com esta revista on-line, além dos espaços em que produzimos apresentações e exposições, poderemos colocar em nossos currículos o registro de um trabalho publicado. Poderemos também dividir com mais pessoas uma publicação que exalta nossos esforços. Isso é um luxo”, comenta, lembrando o efeito multiplicador do Pibiart. “Torço para que o programa continue existindo por muitos anos e fomentando cada vez mais as artes em Juiz de Fora e região”.

Katia Dias



Alguns desenhos vão se tornar esculturas em MDF com uso de manipular robótico

RABISCOS – CONTÍNUO

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Raphael Nascimento Leite *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadores Professor Renato Melo Amorim e Professor Hermenegildo Ferreira Giovannoni

‘SURRURALIDADE’ E XILOGRAVURAS: A IDENTIDADE NACIONAL



Memórias rurais dialogam com questões nacionais

Da Terra: livro de artista, uma obra de arte em formato de livro repleta de haikai e xilogravuras, em que Thiago Felisberto de Assis reúne suas lembranças pessoais e familiares afetivas, que também têm muito a dizer sobre as relações históricas e sociais relacionadas a construção da identidade nacional, colonização, relações de classe e ancestralidade.

O estudante do Instituto de Artes e Design começou a desenvolver o trabalho no início de 2019 com estudos desenvolvidos acerca da identidade nacional, do livro ilustrado e da plataforma *livro de artista*, uma arte contemporânea que fala por si mesma, onde constam experimentações que podem abranger diversos discursos, moldes e estruturas artísticas com os mais diferentes materiais e técnicas.

Na criação de seu próprio livro de artista, Thiago iniciou um processo de produção de poesias autorais no estilo Haikai, ambientadas nas memórias afetuosas do universo rural, trazidas por sua experiência familiar, que dialogam historicamente com questões nacionais e internacionais. O tradicional poema curto de origem japonesa, marcado pela objetividade e por sua estrutura específica de tercetos formados por 17 sílabas poéticas, assumiu protagonismo na escrita do livro.

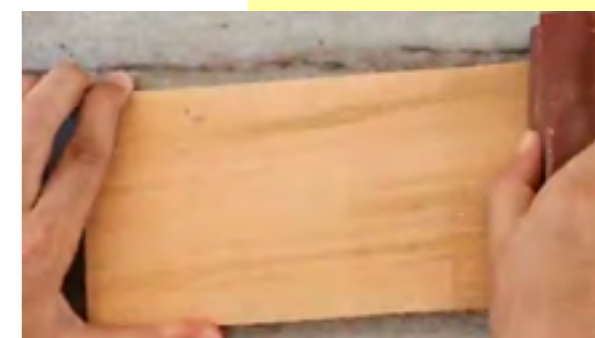
Para a construção da imagética rural, a xilogravura foi a técnica escolhida. O método de gravura utiliza a madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem entalhada sobre o papel. O trabalho com as matrizes foi feito junto ao Sítio Areia Branca, na cidade de Espera Feliz, Minas Gerais. Lá foi estudado os tipos de madeira, selecionando o cedro para ser usado, assim como a

forma do corte, a serragem do material, a produção das ilustrações, e a técnica de impressão das xilogravuras, de modo a compor o livro ilustrado. O corte das matrizes para o projeto foi feito no Laboratório de Práticas em Processos e Manufatura – LabDesign, no Instituto de Artes e Design da Universidade.

O conceito de “surruralidade” teve grande influência na produção do trabalho e para discussão de identidade nacional. “Invento uma identidade ‘surrural’, ancorada nos conceitos da ruralidade e do surrealismo, como reflexão acerca de nossa formação social e econômica pautada na terra.” Segundo explica Thiago, o objetivo era a produção do livro ilustrado como plataforma de legitimação da ‘surruralidade’ a partir de sua reprodutibilidade.

Além da produção artística, o bolsista também desenvolveu a oficina “Da terra: identidade nacional e livro ilustrado”, na Escola de Artes Pró-Música, onde foi construído, em três encontros, um debate sobre a importância do livro na formação social brasileira, a partir de referências e experimentação de técnicas de ilustração. “Levar esse diálogo até as oficinas possibilitou a prática desse discurso junto aos alunos a partir do livro, que é esse objeto munido de um conteúdo que pode realmente mudar o olhar de quem o observa”, ressalta.

O projeto deve ser concluído ainda em 2020 com a finalização do preparo das matrizes em cedro, das impressões das xilogravuras e da organização e disposição do conteúdo do livro físico ilustrado. Para Thiago, participar do Programa de Bolsas de Iniciação Artística foi importante para seu percurso profissional: “O projeto desenvolvido possibilitou um amadurecimento de minha linguagem, de minha poética enquanto artista e



A xilogravura foi a técnica escolhida para as ilustrações

enquanto educador, o que agrega positivamente minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Não é fácil discutir identidade nacional na atual conjuntura. Mas a arte possibilita a construção desses caminhos de diálogo entre os mais diversos segmentos”.

Caroline Crovato

DA TERRA: LIVRO DE ARTISTA

Modalidade Mediação Artística . **Bolsistas** Thiago Assis Felisberto *Bacharelado em Artes Visuais* . **Orientador** Professor Renato Melo Amorim



A produção do cenário futurista de State City envolveu estudos sobre cor, corpos, cenários e objetos para representar uma América Latina utópica

UTOPIA SOCIAL

Em uma América Latina futurista e utópica, vivem cinco garotas de diferentes realidades sociais. Elas são as protagonistas do projeto de *concept art State City*, criado por Kamila Weber de Souza a partir da organização de um banco de imagens artísticas digitais. As primeiras ideias para a criação desse universo surgiram há 6 anos e, com o apoio do grupo de pesquisa de *concept art* do Instituto de Artes e Design da UFJF e da bolsa obtida pelo projeto no Pibiart, começaram a ser executadas por meio de rascunhos de personagens e de cenários.

Estudos foram realizados a fim de auxiliar o processo de finalização das artes, que também contou com a ajuda de Matheus Ramos, colega no Bacharelado Interdisciplinar em Artes, que projetou as armas presentes no *concept*. Através das criações, é possível notar uma estética diver-

sificada entre as protagonistas, visando a variedade de corpos e etnias proposta pelo projeto, além da aplicação de um contexto latino-americano aos desenhos.

O projeto teve seu primeiro grande feito ainda em 2018, quando seus *model sheets* ganharam o concurso de exposição de *concept art* da Brasil Game Show (BGS). Em 2019, já selecionado pelo Pibiart, foi apresentado durante a Semana do Calouro (SECA) da UFJF, com o grupo de pesquisa do qual Kamila faz parte, e também no evento UFJF na Praça, que buscava apresentar os projetos dos alunos da universidade à população juiz-forana.

No meio do caminho, a oportunidade de um intercâmbio em Portugal representou dificuldades para a con-

tinuidade do projeto, atrasando a produção de um *artbook* (livro de imagens). Por outro lado, a experiência contribuiu, segundo Kamila, para aprimorar sua “noção de importância e visibilidade da população latina e suas diferentes formas de existir e resistir no espaço americano, e até mesmo europeu”. A bolsista acredita que agora conseguirá fazer criações com mais impacto social para a população latina.

Para Kamila, a importância do projeto para sua formação se mede pela expansão e compartilhamento de conhecimento: “Uma grande contribuição foi conscientizar e refletir sobre a importância de arte digital como também precursora de ideias, poesias e críticas

sociais”, relata a bolsista, para quem “a criação de universos abre caminhos não só para portfólios e sites, mas também para a conversação com pessoas reais, em ruas e palestras, sobre a importância da concretização de ideias”.

A criação de um *artbook* com as ilustrações segue em fase inicial, contendo descrições, castas e divisões sociais de cada personagem, mapa da cidade, roupas típicas e informações acerca da história. O protótipo ainda conta com um *pitching* de *State City* e a relevância de uma obra do gênero.

Natália Miranda

STATE CITY

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** - Kamila Weber de Souza . **Orientadora** - Professora Eliane Bettocchi Godinho

ARTE E COR NO CAMPUS



Quem chega ao coração do Campus da UFJF se depara, à direita da entrada principal para a Reitoria, com um mosaico permanente que desperta diferentes emoções. Sua construção, a mãos e olhares conjuntos, é uma espécie de presente para o público, seja ele de estudantes, funcionários e professores, seja da comunidade do entorno e de visitantes, alguns de outros

estados e países. Em meio ao bosque, pedacinhos de cerâmica definem formas e cores à medida que a aproximação se torna irresistível, até o ponto de revelar um pequeno e instigante universo de plantas e animais.

Projeto do Coletivo Agrupa para o Pibiart, coordenado por Ricardo Cristofaro, professor do Instituto de Artes e Design e diretor do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), o Mosaico Botânico integra arte e cultura como um bem coletivo inserido no dia a dia do Campus. O desenvolvimento do trabalho envolveu pesquisa e difusão da linguagem artística de murais e mosaicos, permitindo que os participantes ampliassem o conhecimento de uma técnica ainda não inserida na grade curricular. A instalação do primeiro mosaico ocorreu em outubro de 2019, durando cerca de uma semana, e o segundo, em janeiro de 2020, requerendo cerca de cinco dias para a finalização.

Foram necessárias inúmeras reuniões com o coordenador e os integrantes do Agrupa para planejar a composição da obra. A partir das ideias iniciais, foram desen-



volvidos programas de edição gráfica, e, com a imagem final impressa, foi feita a projeção no tamanho do muro de apoio. A execução se deu com a quebra de cerâmicas de revestimento externo, utilizando alicate torquês e cola. Com o painel completo com as peças, foi feita a colagem do plástico adesivo e o corte em pequenos segmentos. Realizado o assentamento, a imagem se formou pouco a pouco. Após a secagem da argamassa, as peças foram impermeabilizadas, preenchendo os espaços vazios e impedindo a penetração de líquidos. Após a secagem do rejunte, foram retirados os excessos e feitos os ajustes finais.

A bolsista Larissa Ribas de Brito ressalta a importância de ter participado de uma experiência que contribuiu não apenas para ampliar sua formação acadêmica, como também os horizontes de novas áreas artísticas. “Mais além, é uma forma diferente de compor a imagem, pois à medida que o processo se desenvolve, a imagem começa a tomar forma”, observa, lembrando que foi possível aprimorar também o olhar para a região e sobre os mosaicos locais, afinal, um dos três bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na cidade é, justamente, um mosaico de Di Cavalcanti, o do Marco Comemorativo do Centenário de Juiz de Fora.

No decorrer da instalação, um dos maiores desafios ocorreu diante de uma medição equivocada, que, assim como alguns desencontros dos desenhos, causou pequenas falhas corrigidas até o resultado final. “Para um projeto de grande feito coletivamente, encontrar o caminho para o consenso de ideias sobre as questões que surgiam foi um aprendizado. A diversidade do grupo e, conseqüentemente, de perspectivas, gerava conversas interessantes sobre soluções e possibilidades para cada etapa, enriquecendo ainda mais essa experiência na qual a coletividade foi sempre priorizada”, conta Larissa.



Ver essa experiência coletiva de realização do Mosaico Botânico contada na primeira edição digital da revista BIA é muito importante. Trata-se, segundo Larissa, de uma iniciativa notável, tendo em vista que sensibilizar o olhar das pessoas para a arte e a cultura em um período conturbado como o atual, de pandemia e distanciamento social, é fundamental. “É uma maneira de agregar ainda mais valor para as criações que foram feitas, dando visibilidade a projetos ainda desconhecidos pela comunidade que envolve a UFJF”, analisa.

Katia Dias

MOSAICO BOTÂNICO

Modalidade Grupo Artístico (Agrupa – Coletivo de Mosaico e Muralismo) . **Bolsistas** Larissa Ribas de Brito *Bacharelado Interdisciplinar em Artes*, Bárbara Morais de Paula *Bacharelado Interdisciplinar em Artes*, Helena Martins de Lacerda *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientador** Professor Ricardo de Cristofaro



Realizado pelo Coletivo Agrupa, o Mosaico Botânico foi feito em duas etapas, com a minuciosa aplicação das pastilhas nas duas faces do mural em frente à Reitoria



Uma parede externa da cantina do IAD foi o espaço escolhido para a realização da pintura mural pelo Coletivo Água

A PINTURA RESISTE

Um espaço alternativo, dentro e fora da sala de aula, para que o aluno possa experimentar linguagens e conceitos artísticos. O grupo de estudos e trabalhos ILEA do Instituto de Artes e Design da UFJF foi criado em 2011, com objetivo de suprir a demanda por aprendizados sobre proposições da arte cujo foco fosse o corpo. Durante o ano de 2019, o Coletivo Água, vinculado ao ILEA, desenvolveu um projeto de iniciação artística (Pibiart) com alunos do IAD para a realização de trabalhos de pintura mural de grandes tamanhos.

A ideia foi oferecer pinturas artísticas às comunidades interna e externa à UFJF, de forma a promover o acesso à informação e à tecnologia desenvolvidas no Instituto, a partir de ações envolvendo arte e extensão. Além disso, questões instrumentais e técnicas de desenho, pintura e grafite puderam ser aperfeiçoadas ao longo da iniciativa. O processo criativo incluiu a seleção de bolsistas e uma pesquisa de campo para a escolha do melhor lugar para o início da pintura. Definido o espaço, os desenhos para o mural começaram a ser projetados, segundo esboços de personagens e detalhes que o Coletivo já havia desenvolvido, mas que ainda não tinham sido utilizados. O tema do trabalho, a Mulher, foi definido a partir de um texto presente no projeto gráfico, “Você está aqui?”.

A elaboração do projeto envolveu não apenas o desenho, mas também a escolha de uma paleta de cores

vibrantes e a pintura digital da boneca para modelo. Para receber a pintura, o muro precisou ser preparado. Após essa etapa, a arte projetada na superfície com auxílio de um Data Show começou a ser desenhada com lápis grafite, e as primeiras misturas cromáticas foram realizadas. Todo o processo de pintura foi desenvolvido entre os meses de maio e setembro.

A proporção do projeto executado foi capaz de promover capacitação tanto em relação à pintura artística quanto no que diz respeito ao trabalho coletivo em ar-

tes e produção cultural. “Conseguimos estimular uma discussão dentro do IAD, motivando os vários alunos que estão ingressando no Instituto. Acabamos por transformar um espaço que à primeira vista era branco e sem cor em um espaço lúdico, onde as pessoas param, admiram e fotografam. Uma intervenção artística importante para a comunidade acadêmica da Universidade. A pintura resiste, e as artes também”, conta Gabriela Lemos, bolsista do Coletivo Água.

Julia Ugelli

ILEA, PINTURA MURAL

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Gabriela Antunes Ramos de Lemos *Bacharelado Interdisciplinar em Artes*, Gustavo Neri Almeida de Oliveira *Bacharelado Interdisciplinar em Artes*, Andressa Silva *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadora Professora Priscilla Danielle Gonçalves de Paula

QUANDO A ALMA TRANSBORDA

Com uma poética própria e contundente, em que o verbo toma forma e aponta para o *Corpo em Risco*, Gabriel Scott escreveu sobre seu universo, colocando para fora os sentimentos. Sob a orientação do professor Fabrício Carvalho, deixou fluir as palavras tanto quanto as performances realizadas em andanças descalço por chãos de cimento. Cantou, rezou, martelou um prego em seu dedo, deixou-se tatuar pela vida e pelas agulhas, ofereceu nas ruas da cidade as páginas ditas e as escritas ao longo de 2019.

Em seu projeto não coube a visão ortodoxa de uma única tarefa, mas o derramamento da alma, suas dores e contradições. Como ele mesmo ressalta, houve momentos em que precisou de sangue para assinar a obra que infiltrou em meio a outras selecionadas pelo edital do Pibiart. “Escrevi. E em mim escrevi. E me escrevi. Me codifiquei num livro, intencionado pra que seja de cabeceira. Um livro de tarefas, deveres ou dicas. Pra que fosse lido uma página por dia ou devorado em menos de uma hora.”

Sorrisos e tristezas estão evidenciados ao longo do caminho. “Neste ano, estudei principalmente o corpo e suas diversas formas de atuação. Percebi ser resultado de um processo de mim mesmo, cujo autor também é o mundo”, ressalta, buscando um pouco de Sartre e suas contingências: “precisamos entendê-las. O Mundo é além de nós. Nós, nós todos aqui temos nossos próprios nós. Laços que não entendemos como os do fone no bolso de uma calça jeans”.

Em *Corpo em Risco*, mergulhou em si mesmo e acabou se aprofundando interiormente para que entendesse melhor sua potência e, principalmente, suas impotências. A indignação veio como consequência. Em seu poético relato sobre os resultados do projeto, a frase “Bolsonaro é presidente do Brasil” aparece em um grito abafado pela palavra dita vezes sem conta. Encontrou Marcel Duchamp e seus heterônimos (Rose Sélavy) na busca de si mesmo.

“Achei minhas raízes e as pus em um livro junto com meus pus, meu sangue, meus parafusos, minhas agulhas e meu suor. Estudei e pesquisei a vulnerabilidade. Não a vulnerabilidade como um todo (quanta pedância seria), a que em mim habita. Nela encontrei minha fé e um outro jeito de guiar. Menos preocupado com tempos e acabamentos. Muito mais interessada em estar. Eu já me matei e a dificuldade de estar presente depois disso só quem também morreu já sabe”.

Gabriel ressalta a oportunidade de, com seu projeto, fazer parte de um refúgio que abriga ciência e alimenta cultura, uma situação quase paralela à do resto do país. “Minhas intenções tinham a ver com a transmutação da realidade - às vezes queria ser alquimista ou astronauta - hoje, são sobre afetar, conhecer, me apresentar, e só. Me expor. Driblar essa barreira que há tanto foi quebrada, mas cujo esqueleto ainda assombra de entregar na arte e, principalmente, pra vida, tudo que tenho, tudo que sou. O Corpo ainda está em Risco”.

Katia Dias

CORPO EM RISCO

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Gabriel Scott Castro *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientador Professor Fabrício Carvalho

PROJETO ORFEU: ENTRE O POPULAR E O ERUDITO



O musical *Finorium S/A* foi produzido pelos bolsistas do Pibiart

O mais talentoso de todos os músicos, segundo a mitologia grega, empresta seu nome a uma das realizações de maior repercussão na edição 2019 do Pibiart, o *Projeto Orfeu*, com sua proposta de integrar o canto popular e o erudito e valorizar a teatralidade e a performance em interpretações de canções populares e óperas. Em dois semestres, o projeto realizou duas montagens: um teatro musical inédito e uma ópera completa.

Ao todo, foram cinco apresentações gratuitas, realizadas no Auditório Geraldo Pereira (IAD), Cine-Theatro Central, Teatro Paschoal Carlos Magno e Museu Mariano Procópio. Iniciativa de bolsistas da graduação em canto e composição do curso de Música da UFJF, e sob a coordenação do professor Rodolfo Valverde, o *Projeto Orfeu* foi idealizado pela aluna Tâmara Lessa e contou com parcerias diversas para a realização dos dois espetáculos.

O primeiro semestre foi dedicado ao teatro musical e começou com pesquisas teóricas sobre musicais nacionais e estrangeiros e fundamentos do gênero. Uma con-

corrida audição para seleção dos participantes externos teve 90 inscritos, dos quais 30 foram escolhidos e receberam noções de dança e técnica vocal, interpretação, criação de personagens e improvisação. Divididos em duas turmas, eles integraram o elenco do musical, *Finorium S/A*, inédito e autoral, totalmente produzido por bolsistas do projeto e com texto e composições feitas especialmente para o espetáculo, apresentado ao final do primeiro semestre. A produção pode ser conferida no canal do Centro de Educação a Distância (Cead) no Youtube, em gravação de apresentação realizada no Teatro Paschoal Carlos Magno.

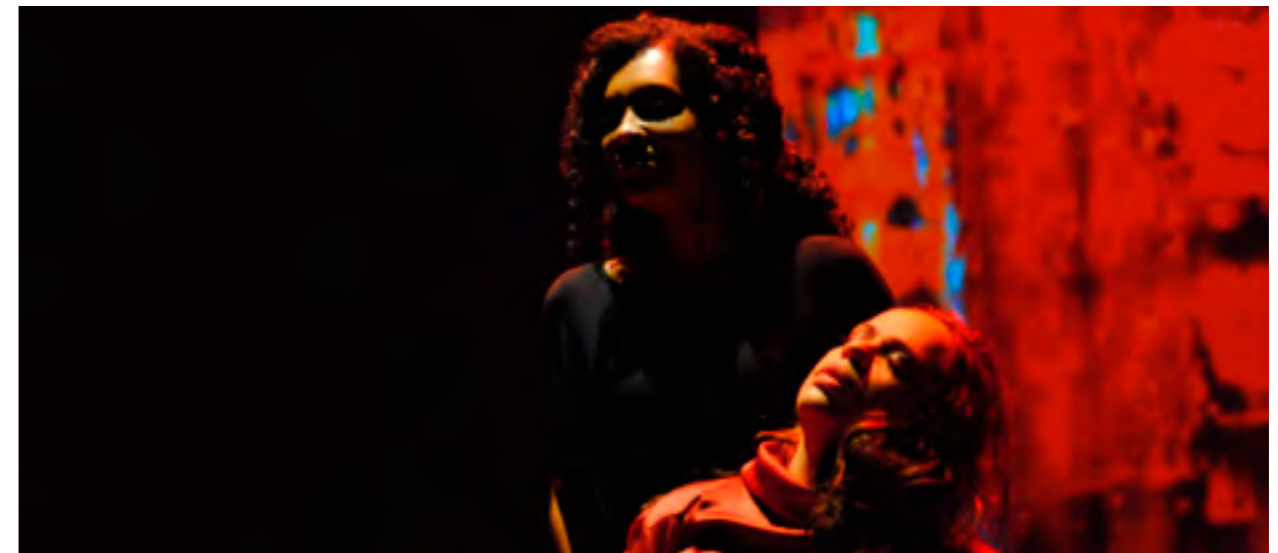


Participantes aprenderam dança e técnica vocal

Na sequência, o projeto partiu para seu maior desafio: a montagem de um espetáculo operístico completo. A proposta era vencer equívocos como o de que a ópera é uma experiência difícil e um gênero inacessível. Alunos de Canto da professora Luane Voigan se integraram ao projeto para a produção de *Dido e Enéias*, ópera do século XVII, de Henry Purcell, maior compositor inglês do período barroco. Os alunos, incluindo Tâmara Lessa e duas outras bolsistas do Orfeu, interpretaram os protagonistas dessa história de amor e destino heróico inspirada na *Eneida*, de Virgílio.



A montagem de uma ópera barroca completa do século XVII, Dido e Enéias, foi um desafio para o Projeto Orfeu



A produção foi apresentada no Central e no Museu Mariano Procópio

Os participantes selecionados para o *Projeto Orfeu* formaram o coro: seu desempenho na ópera entusiasmou o professor Rodolfo Valverde, que assumiu a direção geral da montagem ao lado de Luane Voigan. Para ele, o aprendizado e a preparação vocal proporcionados pelo projeto em um curto espaço de tempo foi surpreendente, já que a maioria não tinha formação musical prévia.

A produção de *Dido e Eneias* envolveu várias parcerias. Técnicos administrativos e professores instrumentistas do Departamento de Música acompanharam as apresentações dessa ópera camerística, com instrumentos de cordas (violinos, viola e violoncelo) e um cravo, instrumento de época responsável por um elemento fundamental da música barroca, o baixo contínuo. Ele esteve ao encargo da professora Mayra Pereira, especialista em música antiga que também dividiu com a professora Luane Voigan a direção musical do espetáculo. Mestrando em direção cênica de ópera, Lucas Miranda ficou responsável por essa tarefa em *Dido e Eneias*. Os figurinos da produção resultaram de uma parceria com o Departamento de Moda da UFJF, com a colaboração da professora Débora Morgado e alunos.

O resultado de toda essa mobilização pôde ser conferido em duas apresentações de encerramento do Projeto, realizadas no Cine-Theatro Central e na Galeria Maria Amália do Museu Mariano Procópio, em que amadores e profissionais cumpriram com talento e emoção o desafio proposto. As apresentações foram gravadas e estão integralmente disponíveis no Youtube para o público conferir: a do Central está no canal Cinevox, e a realizada no Mariano Procópio, em gravação do Centro de Educação a Distância da UFJF, pode ser vista no canal do Cead/UFJF.

Para os bolsistas do Projeto Orfeu, a experiência proporcionou vivenciar todos os estágios de preparação de um intérprete e todas as fases do processo de produção de um evento musical, além de se conscientizar, segundo Tâmara Lessa, de suas responsabilidades como agentes de cultura: “A experiência proposta pelo *Projeto Orfeu* pode contribuir com esta tomada de consciência, dissolvendo antigos preconceitos contra a música de concerto, aproximando a dramaturgia e a linguagem da ópera do ambiente popular, e promovendo uma conexão entre as artes.”

Izaura Rocha

PROJETO ORFEU TEATRO MUSICAL E INICIAÇÃO À ÓPERA

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **BOLSISTAS** Tâmara Lorenzeto Nascimento Lessa *Licenciatura em Música*, Michelle Cristina Flores Bade *Licenciatura em Música*, Bernard Rodrigues *Bacharelado em Música (Composição)*, Rogério Correia do Nascimento *Bacharelado em Música (Composição)*, Ana Letícia de Paiva Macedo *Bacharelado em Música (Canto)* . **ORIENTADOR** Professor Rodolfo Valverde

POÉTICA DO DESLOCAMENTO

Um ato de mudança, de escolha de vida profissional, foi o impulso para o projeto que Marcos Amato desenvolveu no Pibiart. Esse movimento inicial foi a transição que ele fez do curso de Geografia para o de Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design: “Eu sempre me interessei pelos assuntos abordados na geografia, mais como artista que geógrafo”, esclarece o estudante, autor de *Incursões, Cartografias e Paisagens*, projeto que buscou relacionar os dois campos de interesse com a criação de obras para uma exposição sobre geopoética.

O deslocar-se logo se tornou o mote principal da proposta, quando percebeu que seu processo criativo envolvia o trânsito frequente, com viagens e visitas a diferentes paisagens. O próprio deslocamento do corpo do artista no espaço entre um lugar e outro e os diversos materiais que cada cenário lhe proporcionava se tornavam, assim, metodologia para a pesquisa e a criação artística. O projeto dialogava com tendências contemporâneas como *land art* e *site specific*, que incorporam o ambiente natural ou urbano à arte. Ibitipoca, Ubá e Juiz de Fora forneceram material artístico para as obras, apresentadas na mostra *Duplo Negativo*, realizada por alunos de Artes Visuais, em setembro de 2019, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

A coleta de amostras de solo em Ibitipoca chamou a atenção de Marcos Amato para desvios no terreno (tecnicamente chamadas de erosões de encosta), que passou a fotografar e que o levaram a desenvolver a ideia de “fissuras” em colagens, gravuras e projeções. Esse trabalho resultou na obra *Pausa*. O estudante também fotografou fissuras encontradas no campus da UFJF, em cenário urbano no qual elas resultavam de desgastes na

calçada e no asfalto. O artista as reuniu em uma grande imagem, criando um sistema de rachaduras que depois seria dividido e remontado, ligando a extremidade de uma imagem a outra, no total de 24 peças.

Ele também desenvolveu uma série de relevos em gesso para refazer o caminho entre as três cidades em que capturou os registros das fissuras. Inicialmente foi desenvolvida uma única peça com as características de Ibitipoca, Juiz de Fora e Ubá. Essa peça foi depois dividida em três partes, de modo que cada uma oferecesse a sensação do relevo de cada terreno.

Daí surgiu a ideia de um livro de artista realizado com a mesma dinâmica: as páginas foram rasgadas em tamanhos decrescentes, com os rasgos assemelhando-se às fissuras, formando assim uma cartografia subjetiva. Por fim, Marcos Amato produziu um vídeo, no qual, inspirado nos *nonsite* de Robert Smithson, fricciona rochas coletadas em Ibitipoca, produzindo areia. Do vídeo ele extraiu uma série de 16 fotografias, que, juntamente com os fragmentos, utilizou para produzir uma escultura, como um micro *nonsite*.

O material recolhido em Ibitipoca também resultou em uma ilustração que, de alguma forma, sintetiza todo o processo de *Incursões, Cartografias e Paisagens*, no qual punhados de terra e rocha extraídos da natureza são recursos para o desenvolvimento de produtos artísticos e refletem as percepções do “olho armado” do artista em suas incursões por diferentes caminhos.

Izaura Rocha

INCURSÕES, CARTOGRAFIAS E PAISAGENS

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Marcos Vinícius de Brito Amato *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientador** Professor Ricardo Cristofaro



“Erosão pelas mãos”: pesquisa buscou o diálogo entre a geografia e a arte



A partir de um vídeo de fricção de rocha para transformá-la em areia, Marcos Amato produziu uma série de fotografias

PRECARIEDADE COMO ARTE

Cascas de laranja, pigmentos retirados de plantas e fios de cabelo usados como linha de costura foram alguns dos elementos convertidos em matéria-prima para a produção de trabalhos poéticos no *Híbrida - Laboratório de Precariedade Gráfica*. O projeto desenvolvido por Noah Mancini e Luíso Henrique Camargo tinha como proposta construir coletivamente um saber sobre as formas de criação artística, utilizando materiais usados, orgânicos ou recicláveis.

O trabalho teve início com uma pesquisa em grupo sobre as principais técnicas que seriam utilizadas durante o ano, elaborando-se, então, a temática “Colagem, a criação imagética a partir da tridimensionalidade”, no qual a costura e o texto foram os principais mecanismos a serem utilizados nas criações coletivas ao longo de 2019.



O laboratório buscou usar materiais acessíveis, orgânicos ou recicláveis

Utilizando o conceito de precariedade como linguagem poética num resultado gráfico, a proposição base e fundamental do projeto era limitar o uso de instrumentos a coisas achadas ou pré-existentes, levadas pelos participantes. Os idealizadores do *Híbrida* explicam o motivo da escolha: “Sempre priorizamos desde o primeiro encontro a utilização de materiais que já possuíamos ou fossem encontrados em descartes. Assim evitaríamos a compra de novos, que por vezes são de alto custo, e poderíamos construir materiais acessíveis, ressignificando-os nos espaços artísticos.”

Durante as oficinas, os insumos levados pelos integrantes eram compartilhados, disponibilizados como matéria-prima coletiva e comum a todos. O propósito era dar vazão a possibilidades criativas com instrumentos semelhantes, porém, com diferentes aplicações e resultados surpreendentes.



Precariedade foi o conceito poético do projeto

O *Híbrida* foi um projeto aberto a receber pessoas com vontade de criar, desde o público da comunidade local até o de outros cursos: alunos da Arquitetura e Urbanismo, Ciências Humanas, Geografia, Direito e Fisioterapia também participaram do Laboratório. “O mais interessante, também como desafio, foi elaborar um espaço de criação que fosse flexível, em que vários artistas pudessem ter seu momento de exibir seu trabalho e de expor suas ideias. Apesar de lembrar o formato de uma oficina, a ideia principal foi ter um espaço horizontal, onde todos os presentes estivessem dispostos a aprender junto aos outros”, ressalta Luíso Camargo.



A oficina foi pensada como um espaço de compartilhamento de ideias e materiais

Devido à perecibilidade dos materiais, alguns deles até orgânicos, as produções tinham tempo de validade ou necessitavam de manutenção. Segundo os relatos dos participantes do projeto, as descobertas sobre os acidentes e incidentes da matéria-prima alcançaram um poderoso valor poético, capaz de possibilitar uma reflexão sobre a forma particular de produção e como até mesmo o tempo se torna uma ferramenta de arte.

“

“Vi que ali poderia ampliar muito meu repertório de materiais e práticas artísticas, podendo no futuro trabalhar com meus alunos em sala de aula, já que a realidade de investimento nos materiais artísticos em boa parte das escolas públicas nacionais é mínimo ou inexistente”, testemunhou Bruna Gonçalves, participante do Laboratório Híbrida I.

“No início, encontrei dificuldades para falar a respeito do meu trabalho e quando me direcionaram a pergunta ‘O que você faz?’, minha resposta automática foi ‘Eu aprendo’. Não sabia nada sobre colagem e sabia pouco sobre meu processo. Conforme os encontros foram acontecendo e trazendo diferentes formas de relacionar o processo de todos que estavam fazendo parte, pude conhecer diferentes técnicas manuais e jeitos de pensar”, contou Mariana Oliveira, participante dos laboratórios Híbrida I e II.

O *Laboratório de Precariedade Gráfica* possibilitou a amplitude de diversos campos do pensar e produzir artístico, por meio da vontade de experimentar outros modos de “fazer arte”, do compartilhamento das mais diversas ideias e inquietações, em um ambiente coletivo, horizontal e livre para expressões artísticas.

Caroline Crovato



A costura e o texto foram mecanismos para as criações

HÍBRIDA - LABORATÓRIO DE PRECARIEDADE GRÁFICA

Modalidade Grupo Artístico . **Bolsistas** Noah Mancini Mendes *Bacharelado Interdisciplinar em Artes*, Luíso Henrique Souza Tobias de Camargo *Licenciatura em Artes Visuais* (voluntário) . **Orientadora** - Professora Priscilla Danielle Gonçalves de Paula



UNIVERSO IMAGÉTICO

Como a linguagem visual contemporânea foi construída? Quais as referências históricas, sociais e culturais que serviram como inspiração para a produção de obras atuais no universo visual? O projeto de Rodrigo Durço buscou estudar e destacar esses pontos juntamente aos seus colegas de curso do Instituto de Artes e Design.

Percebendo que o cotidiano possui grande influência de composições de imagens e objetos visuais, o estudante propôs a criação do *Estudo da Linguagem e Cultura Visual*, com a orientação de Vanessa Raquel, professora responsável por ministrar a disciplina que inspirou Rodrigo a produzir o projeto para o Pibiart.

Desenvolver o alfabetismo visual, relacionar referências históricas às produções modernas, promover uma leitura crítica acerca de imagens, compreendendo suas estruturas e a forma como conseguem comunicar uma mensagem eram os principais objetivos que o projeto buscava alcançar.

Para atingir tais metas, uma oficina teórico-prática foi o formato escolhido. Por meio de encontros semanais, os alunos se reuniram em um grupo de estudos para desenvolver quatro atividades de releitura de obras e objetos já existentes, escolhidos pelos mesmos. O propósito dos exercícios era discutir, interpretar e analisar referências imagéticas dentro das quatro áreas de especialização e atuação oferecidas na graduação: cinema, moda, artes visuais e design.

Após o término da oficina, a Galeria Guaçuí, espaço expositivo do Instituto, acolheu as obras desenvolvidas durante o período das atividades, com o objetivo de divulgar para a comunidade o trabalho realizado pelos alunos como artistas e participantes do projeto.



Projeto ofereceu oficina de desenho ao ar livre

O trabalho elaborado por Rodrigo, porém, não acabou por aí. Durante o segundo semestre de 2019, foi desenvolvida outra oficina, dessa vez com o tema Desenho ao ar Livre. Com a intenção de estimular a produção livre e espontânea do desenho, uma das formas mais básicas e instintivas da comunicação visual, a proposta era promover encontros semanais em pontos distintos de Juiz de Fora para a produção em grupo.

“Pensei em algo mais fluido, por isso o desenho ao ar livre. A gente poderia explorar espaços livres e sociais da nossa cidade, expressar nossas diferentes artísticas, visuais e pessoais no desenho. Foi uma experiência nova, que não estávamos acostumados a fazer. Também despertamos os olhares curiosos de quem estava em volta, então acho que teve um impacto social inovador tanto para os participantes tanto para os que observavam”, ressalta o bolsista.

Para Rodrigo, as oficinas contribuíram para sua formação e para a dos alunos que participaram das atividades: “Nós tivemos uma formação diferente da que temos dentro das salas de aula e uma troca maior de experiências próprias. Eu queria que o projeto para o Pibiart pudesse ser interdisciplinar. Estar em sala de aula levando conteúdo visual e teórico foi importante para minha formação no âmbito acadêmico, profissional e pessoal”, conclui.

Caroline Crovato



As oficinas proporcionaram trocas de experiências entre os participantes

ESTUDO DA LINGUAGEM E CULTURA VISUAL

Modalidade Mediação Artística . Bolsista Rodrigo Durço *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* .

Orientadora Professora Vanessa Raquel Lambert de Souza



O projeto incluiu práticas que proporcionaram aos participantes um primeiro contato com a produção audiovisual



Entrevistas realizadas no Parque Halfeld resultaram em microdocumentário

CONSTRUINDO NARRATIVAS VISUAIS

O mundo em que vivemos está repleto de imagens e sons. Sentidos, emoções e razão são estimulados e interagem criando a nossa cultura e sociedade. Partindo deste ponto de vista, o projeto *O audiovisual e o mundo*, ministrado pelo estudante de Jornalismo da UFJF e bolsista do Pibiart, Gustavo Furtuoso, buscou chamar a atenção para as possibilidades e potencialidades do audiovisual na contemporaneidade e a série de oportunidades oferecidas pelo digital.

De entretenimento à informação, o conteúdo audiovisual, cada vez mais presente no cotidiano, impacta escolhas, preferências e modos de vida. Criar um panorama sobre o audiovisual por meio de oficinas e oferecer aos participantes ferramentas básicas para experimentar esse universo foi bastante interessante para instigar a vontade e a curiosidade pela produção de novos materiais.

O planejamento do curso atendia aos mais variados interesses, envolvendo desde a representação do perfil de

cada voz transmitido em conteúdos produzidos até objetivos maiores, como um pontapé para pensar em uma futura carreira profissional na área. Apresentar os mais diversos caminhos e possibilidades a serem seguidos na cena audiovisual foi um dos principais escopos do projeto.

Incluindo aulas teóricas e encontros práticos, as oficinas começaram de fato com a exibição de *Saneamento Básico, o Filme*, de Jorge Furtado, levantando uma discussão a respeito de como o audiovisual se insere em um contexto político e econômico. No decorrer do curso, os participantes puderam aprender sobre a evolução da linguagem cinematográfica, conhecer vanguardas importantes para o fazer fílmico, discutir elementos e abordagens da narrativa e ter contato com as vertentes do documentário e do cinema de ficção. O último encontro de uma sequência de aulas teóricas possibilitou traçar um histórico de evolução do documentário, suas relações e diferenças com o jornalismo e os principais dilemas éticos envolvidos.

A parte prática do projeto teve início com exercícios individuais simples para capturas de cenas pelo celular. A ideia por trás da atividade foi dar espaço para que cada participante tivesse a liberdade de escolher como traduzir e expressar sentimentos relacionados a temáticas sorteadas: solidão, medo, pressa, entre outras. Em um segundo momento, o material coletado pôde ser editado em laboratórios de computadores na Faculdade de Comunicação da UFJF, após um workshop preparado sobre o programa Adobe Premiere e conceitos básicos de edição e montagem.

A proposta para o exercício que encerrou o curso teve como resultado o desenvolvimento de uma série de en-

trevistas no Parque Halfeld e a elaboração conjunta de um microdocumentário sobre o local. “Para muitos, a experiência desse primeiro contato com o audiovisual foi bastante desafiadora. Sinto que os alunos saíram capacitados para pensar em projetos pessoais e inspirados a buscar por aprofundamento em conhecimentos na área”, conta Gustavo.

Julia Ugelli

O AUDIOVISUAL E O MUNDO

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Gustavo Furtuoso Ribeiro *Jornalismo* . **Orientadora** Professora Cláudia Rodrigues Castro

MÚSICA PARA TODOS



A Orquestra Sinfônica Pró-Música se apresentou no Central com os projetos *Operando*, *Concerto de Máscaras* e *Trilhas Sonoras*

Presente em todas as culturas, a música é uma das principais criações humanas e ocupa lugar de destaque na Universidade, basta lembrar o quase cinquentenário Coral da UFJF. Não poderia ser diferente nessa retomada do Pibiart: foram vários projetos contemplados nas modalidades Grupos Artísticos e Mediação Artística. Na primeira delas, os bolsistas selecionados atuaram nas apresentações realizadas ao longo do ano pelo Coro Acadêmico, sob a regência de Willstermann Sottani, e por Coral e Sinfônica Pró-Música, grupos regidos por Victor Cassemiro. Na segunda modalidade, os alunos desenvolveram atividades de docência, ministrando oficinas na Escola de Artes Pró-Música, cujas ações tiveram início em 2019.

Em ambas, os bolsistas consideraram a experiência muito enriquecedora para sua formação. Como pianista

acompanhadora do Coral Pró-Música, a estudante Luciane Borges, por exemplo, teve a oportunidade de participar de quase 30 apresentações públicas, em projetos como o Música nas Igrejas, cantatas de Natal e eventos em cidades da região, para os quais exercitou a prática de tocar com um maestro e acompanhar os arranjos sofisticados de Cassemiro e o repertório arrojado do Coral.

A apresentação mais empolgante, para ela, foi a de *Glória* de Vivaldi, na Igreja da Glória, por ter sido o de maior complexidade. Luciane também fazia o acompanhamento ao piano dos coralistas nos ensaios gerais e de naipe, o que acrescentou muito em seu aprendizado do instrumento: “Houve momentos em que o repertório do Coral esteve à frente do que eu estava aprendendo na Universidade, como quando foi proposto Mozart, e eu ainda não tinha estudado. Foi desafiador”, relatou a bolsista.

Na Orquestra Sinfônica Pró-Música, os bolsistas tiveram a oportunidade de desenvolver a prática de orquestra, atuando como chefes de naipes e contribuindo para o aperfeiçoamento do grupo como um todo. Em 2019, a orquestra fez 22 apresentações para um público total de mais de 12 mil pessoas. Jovens estudantes bolsistas, Hiago Bordim (saxofones), Júlia Nogueira (segundos violinos), Lizandra Romano (violoncelos), Maria Francisca Martins e Vivian Vignoli (primeiros violinos), Lucas Ventura (flautas), Giovanna Souza (madeiras) e Felipe Eduardo Vicente (viola), vivenciaram desafios tão diversos quanto trabalhar repertórios de difícil execução, como no caso do projeto *Operando*, voltado para a divulgação do gênero ópera, e populares ou contemporâneos, como os concertos *Trilhas Sonoras* e *Baile de Máscaras*, todos sucessos de público com apresentações no Cine-Theatro Central.



Coral Pró-Música

“O estudo de técnica e sonoridade, dentro do naipe e junto a toda a Orquestra, contribui e enriquece bastante a formação do músico. A experiência dentro de uma orquestra é extremamente necessária para que o músico possa desenvolver suas habilidades”, destaca Vivian Vignolli. Outro testemunho vem de Giovanna Souza: “O naipe de madeiras se aperfeiçoou durante o ano e foi notável a diferença na orquestra em geral, ganhando solos e performances mais elaboradas e mais destaque no conjunto”, afirma a aluna, que já atuava como voluntária na Sinfônica.

Estudante de Exatas, Giovanna define a atuação na Sinfônica como uma experiência de interdisciplinaridade, que permitiu levar seus conhecimentos a aplicações

práticas, pois, segundo ela, “muito à nossa volta é exato, como a afinação do instrumento, a dilatação do metal ao ser tocado, a interferência da temperatura e infinitos outros fatores que podem ser notados durante a vivência musical”. Seu colega Lucas Ventura acredita que amadureceu muito como musicista e também aposta na interdisciplinaridade. Estudante de Psicologia, ele manifesta interesse na área de musicoterapia, com o objetivo de atuar no contexto de acolhimento terapêutico.

CORO ACADÊMICO



Coro Acadêmico se apresentou para mais de mil pessoas em 2019

Com cinco concertos em espaços culturais diversos - incluindo escolas básicas da rede pública -, 11 participações em eventos como encontros de coros, festivais e solenidades, e sete esquetes para selecionar cantores, o Coro Acadêmico alcançou mais de cinco mil pessoas em apresentações ao longo de 2019. O projeto do grupo artístico coordenado por Willstermann Sottani contribuiu, segundo o regente, para facilitar e estimular o acesso do público geral à música coral de concerto, destacando-se assim por seu impacto social.

Durante a vigência do Pibiart, o Coro Acadêmico contou com três bolsistas - dos quais a aluna Maria Luísa Carneiro, do ICH, atuou durante todo o ano, e dois participaram em semestres diferentes. Além deles, o grupo reuniu quase 40 voluntários, entre alunos de graduação e pós-graduação e membros da comunidade. “Aos alunos de Música, o Projeto permitiu uma prática pouco abordada no contexto das disciplinas do curso: a produção cultural na área de música de concerto. Trata-

-se do desenvolvimento de habilidades necessárias ao estabelecimento de contato com o público, ou mesmo necessárias à formação de público”, relata Sottani. Aos alunos não ligados aos cursos de Música, incluindo os bolsistas do projeto, que teve até uma aluna da Facul-

dade de Economia, o grupo “permitiu uma ampliação do horizonte cultural, uma vez que o contato com a música feita em épocas e lugares diferentes envolveu uma aproximação com as diversas realidades e uma análise crítica das mesmas”.

OFICINAS E MUSICALIZAÇÃO INFANTIL



O projeto introduz os pequenos de forma lúdica no universo dos instrumentos musicais

Na modalidade Mediação Artística, a edição 2019 do Pibiart proporcionou oportunidades de aprendizado na área de música para crianças, jovens e adultos, por meio de oficinas de instrumentos, canto, percepção musical e musicalização infantil. Nesse diálogo entre comunidade acadêmica e a sociedade, alunos de licenciatura em Música vivenciaram atividades de docência que muito contribuíram para sua formação pedagógica, complementando o conteúdo do curso.

“A experiência de estar em uma sala de aula e ser responsável pelo aprendizado de outras pessoas me levou a uma concepção muito maior do que foi trata-

do na universidade”, avalia Gabriel Mesquita, que deu aulas de saxofone focando a presença desse instrumento no choro. “Contemplei na prática a evolução dos alunos”, relata o bolsista, para quem sua participação no Pibiart foi essencial para sua formação acadêmica e pessoal. “Agradeço a oportunidade de ter sido inserido nesse time e poder ajudar a difundir o saxofone e a cultura musical brasileira.” Para a bolsista de Percepção Musical Bárbara Gonçalves, a participação no programa lhe permitiu vivenciar o aprendizado do curso na prática, aprofundar a pesquisa e aprender a lidar com crianças de idades, classes sociais e culturas diferentes.



Crianças de 0 a seis anos são atendidas pelo projeto

Já consolidado no curso de Música da UFJF com crescente demanda de inscrições, o projeto de Musicalização Infantil nesta edição do Pibiart proporcionou inicia-

lização à música de forma lúdica para crianças de 0 a 6 anos, divididas em duas turmas por faixa etária. Orientadas pela coordenadora do projeto, professora Luana Oliveira, as bolsistas do projeto atuaram em atividades com jogos e brincadeiras que estimulam a criança a conhecer música e instrumentos musicais, além de desenvolver habilidades de atenção e concentração e promover a socialização e o trabalho em grupo. “Colocamos em prática todas as metodologias estudadas na Licenciatura, e por isso é tão importante. Temos a oportunidade de atuar verdadeiramente a profissão do educador musical e não somente observar as aulas nos estágios em escolas”, afirma a bolsista Amanda Martins Barbosa, uma das seis selecionadas para atuar no projeto pelo Pibiart.

Izaura Rocha

ORQUESTRA SINFÔNICA PRÓ-MÚSICA

Coordenador Marcus Medeiros . **Modalidade** Grupo Artístico da Procult . **Bolsistas** Felipe Eduardo Vicente *Filosofia*, Giovanna Pereira de Souza *Ciências Exatas*, Hiago Bordim Pereira *Licenciatura em Matemática*, Júlia Hellen Nogueira de Paiva *Bacharelado em Música*, Lizandra Regina Campisse Romano *Bacharelado em Música (violoncelo)*, Lucas Ventura Fajoses Gonçalves *Psicologia*, Maria Francisca V. Trindade Martins *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*, Vívian Oliveira Vignolli *Música*

CORAL PRÓ-MÚSICA

Coordenador Marcus Medeiros . **Modalidade** Grupo Artístico da Procult . **Bolsistas** Letícia Almeida Carlos *Bacharelado em Música (Canto Lírico)*, Luciane Borges Xavier Gomes de Souza *Licenciatura em Música*

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL

Coordenadora Luana R. Oliveira de M. Pereira . **Modalidade** Mediação Artística . **Bolsistas** - Adjane Cristina de Oliveira, Amanda Martins Barbosa, Andressa Aparecida Miranda Marques, Arielly Raysa Pereira Corrêa, Raquel Cristina de Moraes Pereira, Sandriana Rodrigues Peron *Licenciatura em Música*

PERCEPÇÃO MUSICAL

Coordenador Marcus Medeiros . **Modalidade** Mediação Artística . **Bolsistas** Pedro Alfeld dos Reis *Bacharelado em Flauta Transversal*, José Mário de Oliveira, Lucas Rodrigues Ribeiro, Vanessa Roberta da Silva Gualberto, Bárbara da Silva Gonçalves *Licenciatura em Música*

CORO ACADÊMICO

Coordenador Willstermann Sottani Coelho . **Modalidade** Grupo Artístico da comunidade acadêmica . **Bolsistas** Maria Luisa Fernandes Ribeiro Carneiro Ramos *Instituto de Ciências Humanas*, Amanda Leone Rodrigues *Faculdade de Economia*, Josuan Vicenzi Daun *Instituto de Ciências Humanas*

PANORAMA

A qualidade das pesquisas e projetos realizados em 2019 sob a chancela do Pibiart tornou muito difícil decidir, dentre tantas e diversificadas iniciativas, aquelas que seriam os destaques da edição. Com esforço e foco em critérios como impacto social e a reflexão sobre questões atuais como gênero, identidade, memória e patrimônio, chegou-se a uma parcela bem representativa da edição. Porém, uma visão geral do Programa só é possível quando conhecemos a totalidade dos trabalhos realizados pelos bolsistas. Os projetos aqui elencados, não menos merecedores de reconhecimento, permitem aos leitores terem um panorama completo da edição. Sem eles, esta revista não cumpriria seu objetivo de apresentar ao público os resultados do investimento da UFJF na iniciação artística de seus alunos.

EXPERIÊNCIAS CURATORIAIS ARTÍSTICAS E A LEGITIMAÇÃO NA INSTITUIÇÃO ARTE

A fim de fazer um estudo imersivo sobre curadoria em termos teóricos e práticos, foi realizada uma exposição de arte que convocou artistas locais das áreas de artes visuais, design, cinema, licenciatura e moda, através de avaliações feitas pelo bolsista do projeto. Em um segundo momento, idealizou-se a criação da revista digital de moda Fashion Brasilis, em protesto ao fechamento de grandes títulos nacionais.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Wesley Shanes Moreira *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadora** Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago



O resultado final da pesquisa foi a mostra *Nosce te Ipsum*



Projeto investigou papel do curador na legitimação de artistas e movimentos

REPRESENTATIVIDADE FEMININA NAS ARTES VISUAIS: as relações entre mulheres artistas e público na arte contemporânea brasileira

Partilhar informações sobre a história das mulheres nas artes e promover debates acerca de suas produções artísticas na atualidade foram as principais propostas do projeto. Para tal, foi criado um espaço virtual com nome e identidade visual baseados na ideia de mudança, subversão, diversidade e descontração. “A Outra Galeria” buscou democratizar a informação ligada à representatividade feminina nas artes, compartilhando conhecimentos no campo histórico e pensando em novas perspectivas do mercado criativo nas redes sociais.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Maria Clara Esteves Brigatto *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadora** Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

A NATURALIZAÇÃO DO CORPO GORDO A experiência e a resistência do corpo gordo na sociedade através da pressão estética

Através de reflexões sobre representatividade e pluralidade, o projeto questiona padrões estéticos e promove a naturalização de diferentes corpos, mediante a produção artística de fotografias e videoartes documentais que reforçam os debates contra a ‘gordofobia’ e a pressão estética.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Mayra Alves de Oliveira Caetano *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientador** Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

ARQUITETURA: O LAR PARA ALÉM DO ABRIGO FÍSICO

Com o objetivo de ampliar a visão de “lar” e estabelecer relações entre a casa, o corpo e a mulher, colocando a arquitetura como uma segunda pele humana ao servir de abrigo e proteção, o projeto procurou explorar o conceito de “lugar” e inserir a arquitetura no homem, e não o contrário. Cinco ilustrações metafóricas foram elaboradas de forma a demonstrar indiretamente e abstratamente os paralelismos que podem existir entre os cômodos da casa e as partes do corpo, considerando o lar como um instrumento de análise e reconhecimento da alma.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Beatriz Braga de Carvalho Cordeiro *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadora** Juliana Simili de Oliveira



O desenho “Concha” remete ao primeiro quarto que habitamos (o útero)

COLORIR TECIDOS, CONECTAR MUNDOS: o potencial pedagógico em oficinas experimentais de tingimento têxtil natural

Com a proposta de pensar a relação entre moda e artes visuais, expandindo essa reflexão para outros campos do conhecimento, como a química e a biologia, o projeto debruçou-se sobre o estudo das técnicas de tingimento natural como alternativa ao uso de corantes sintéticos na área da moda. O trabalho desenvolvido permitiu a verificação do potencial transdisciplinar da experiência com tingimento natural têxtil no processo de ensino-aprendizagem em arte-educação e a proposta de uma oficina de tingimento natural, experimental, baseada em metodologias ativas.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Ana Flávia de Oliveira Carneiro *Licenciatura em Artes Visuais* . **Orientador** Professor Luiz Fernando Ribeiro da Silva

O CORPO, A ESTÉTICA E O CAPITAL - A DECADÊNCIA DA FORMA

Ansiedade, insegurança e fragilidade causadas pelo desgaste físico e emocional foram representadas no projeto que buscou questionar a relação do homem contemporâneo com seu corpo e com o capital. Uma série de pinturas em tinta acrílica e óleo, em painéis de diversos suportes e formatos, se desdobrou em fotografias digitais e arquivos de videoarte (*gifs* animados), com a proposta de contribuir para a conscientização sobre autoestima, bem-estar e equilíbrio entre necessidades e expectativas humanas, numa sociedade que pressiona por aquisição de bens e metas para o sucesso individual.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural
Bolsista Gilberto de Souza Medeiros *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadora** Professora Patrícia Moreno



Painéis retratam desgaste físico e emocional

BIOLOGIA ILUSTRATIVA

A ilustração botânica, trabalho minucioso que une arte e ciência, é o foco desse projeto, que se propôs a realizar criações visuais e gráficas de briófitas – plantas de pequeno porte encontradas em locais úmidos. O projeto também envolveu a realização da oficina Técnicas Alternativas de Produção Gráfica, que abordou técnicas ilustrativas como barbante, esgrafiado e *frottage*. Para a conclusão do trabalho, os participantes criaram uma capa de álbum musical de sua preferência a partir das técnicas ensinadas.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Matheus Menezes *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadores** Professores Renato Amorim e Andrea Ponso

COLETÂNEA DE LIVROS INFANTIS “Coleção para ver o Mundo”

Com a proposta de abordar temáticas sociais para crianças e adolescentes, o projeto teve como objetivo estimular o pensamento crítico e a aplicação dos temas por meio da criação e produção de uma coletânea de livros infanto-juvenis voltada para a faixa etária de 6 a 16 anos. Totalizando seis volumes, os livros levantam pautas como bullying, autoaceitação, preconceito étnico, respeito e amizade, igualdade de gênero e preservação ambiental.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Rodrigo Faria *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientador** Professora Patricia Ferreira Moreno Christofolletti

OFICINA DE ORIGAMI

Com a proposta de trazer a arte da dobradura de papel – o origami – como uma prática para o desenvolvimento da coordenação motora, da criatividade e do lúdico, as oficinas realizadas para o projeto proporcionaram aos participantes a oportunidade de elaborar diversas peças. A partir de vídeos com tutoriais de diferentes tipos de origamis e compartilhamento de vários tamanhos e cores de papéis, a atividade abriu espaço para a liberdade criativa e o estímulo de habilidades cognitivas e lógicas.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Mariana de Faria Solymos *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientador** Professor Marcus Vinícius Medeiros Pereira

OFICINA RPG REPRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE PERSONAGENS

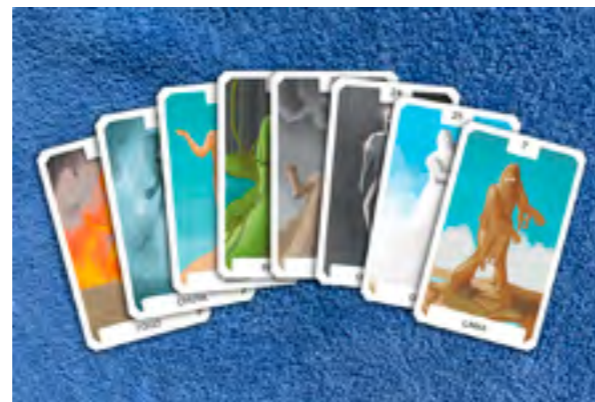
Propondo aumentar o contato dos jovens com o seu imaginário e subjetividade, além de estimular o pensamento crítico e a socialização por meio de jogos de RPG (Role-Playing Game), a oficina permitiu trabalhar situações envolvendo o uso da criatividade na criação de cenários e personagens e a coletividade, com a interpretação e a teatralização do jogo. Os participantes tiveram a oportunidade de vivenciar ludicamente experiências análogas ao cotidiano inseridas na narrativa dos jogos e de desenvolver o trabalho em equipe.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Evelyn Gonçalves Azevedo dos Santos *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientador** Professor Marcus Vinícius Medeiros Pereira

ORÁCULO DAS SUBSTÂNCIAS DA NATUREZA

Um estudo sobre os quatro elementos da alquimia e a teoria do tarô levou ao desenvolvimento de um novo oráculo: o Substâncias da Natureza. O projeto teve como principal objetivo a elaboração de um trabalho multidisciplinar que unisse elementos do design a várias áreas do conhecimento. Foi criado um baralho com 25 cartas, cada uma com a ilustração de um personagem único que representava a fusão de processos químicos e físicos do fogo, do ar, da terra e da água, com a proposta de proporcionar um autoconhecimento por meio da simbologia do jogo.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Heider Camilo Pacheco Leis *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadora** Professora Eliane Bettocchi Godinho



Projeto criou um baralho de 25 cartas com personagens representantes de elementos da natureza



Livreto apresenta significados de cada carta para interpretação na consulta ao oráculo

PARTEJAR - UM DOCUMENTÁRIO ACERCA DO OFÍCIO DE PARTEIRAS TRADICIONAIS

Com a proposta de refletir sobre aprendizado não-formal, passagem de conhecimento através da oralidade e perpetuação de tradições culturais na contemporaneidade, o projeto buscou valorizar o ofício das parteiras como um conhecimento válido e relevante. O documentário mostra como essa prática ancestral atende a uma demanda social nas comunidades em que as parteiras vivem, em regiões onde o atendimento especializado não é de fácil acesso e está fora da realidade financeira das gestantes.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Ariel Mendes Bertola *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadora** Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM CONTEMPORÂNEA

Oficina: A Imagem e o Imaginário

Com a proposta de levantar questionamentos sobre o poder das imagens na construção do imaginário de cada indivíduo e entender como seus signos influenciam a subjetividade, o projeto buscou analisá-las contextual e sócio-historicamente. Foram oferecidas oficinas para crianças de 5 até 11 anos em que, por meio da produção de desenhos baseados nos temas família, natureza,

amizade e diversão, exploraram os diversos sentidos que uma imagem é capaz de conter e como ela expressa as particularidades e vivências de cada um.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Iago de Medeiros Christino *Bacharelado em Cinema e Audiovisual* . **Orientadora** Professora Rosane Preciosa

ARQUITETURA VIVA, OS SENTIDOS DA MATÉRIA

A busca por entender como os indivíduos se relacionam sensorialmente com os espaços da cidade levou à idealização do projeto que analisa a possibilidade de se criar uma conexão e interação mais profunda, para além da visão, com tais localidades, a partir da arquitetura. Foram escolhidos lugares representativos para os habitantes juiz-foranos, como Parque Halfeld, Praça da Estação, Eixo Paraibuna e Mergulhão para debater questões acerca da maneira como ambientes e elementos arquitetônicos se instalam no imaginário de cada cidadão e quais possibilidades de sensações e emoções eles podem provocar.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Lara Vilela Vitarelli *Arquitetura e Urbanismo* . **Orientadora** Professores Ana Aparecida Barbosa e Ricardo Lopes

MODA SUSTENTÁVEL: TINGIMENTO NATURAL ESTAMPARIA BOTÂNICA

Conscientizar a sociedade sobre os malefícios dos corantes artificiais para o meio ambiente e instigar uma nova proposta de produção em design de moda baseada no tingimento natural e em tecnologias sustentáveis foram os objetivos do projeto. Após diversas pesquisas sobre o processo de estampagem feita com pigmentos de plantas, sementes, carimbos de madeira e referências na indústria têxtil, uma oficina reuniu participantes que aprofundaram seus conhecimentos e aplicaram, na prática, técnicas sustentáveis para um trabalho autoral utilizando o ecoprint.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Kimberly Kitana de Jesus Ferreira Lana *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadora** Annelise Nani da Fonseca

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS PINTURAS DE GEORGINA DE ALBUQUERQUE DO FINAL DO SÉCULO XIX A 1929

O projeto teve como propósito pesquisar a vida e a obra da pintora paulista Georgina de Albuquerque, a fim de mostrar a importância das primeiras pintoras acadêmicas brasileiras e o olhar diferenciado que uma artista possui ao retratar outras mulheres. Após análises plásticas das obras e o estudo de referências bibliográficas relacionadas à temática, o projeto pôde ser apresentado para alunos do IAD, no IX Seminário do Laboratório de História da Arte e no Ciclo Feminino nas Artes.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Fernanda Ferreira de Mello *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientadora** Professora Renata Cristina de Oliveira Maia Zago

HISTÓRIA DA MODA E MODOS EM JUIZ DE FORA DOS ANOS 70 AOS ANOS 90

A produção de um documentário focado em figuras e veículos que permitiram a realização e a divulgação de moda e comportamento em Juiz de Fora, como lojas, revistas e colunas sociais, foi a proposta do projeto desenvolvido para o Pibiart. A partir de entrevistas com referências no ramo da moda juiz-forana e pesquisas em acervos de espaços que receberam eventos culturais, foi possível entender sobre o funcionamento do mercado em torno desse nicho.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Melissa Guedes e Noah Mancini *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientador** Professor Sérgio José Puccini Soares

MEMÓRIAS DO MEDO Histórias e memórias da Ditadura civil-militar na cidade de Juiz de Fora

Por meio de relatos coletados de residentes da cidade de Juiz de Fora que foram afetados – direta ou indiretamente – pelo regime civil-militar, o projeto procurou resgatar memórias da ditadura de 1964, através da produção de um documentário histórico. O documentário, ainda em fase de finalização, cria linhas de interlocução com o presente para revisitar a história do período de forma crítica e objetiva.

Modalidade Projeto Artístico-Cultural . **Bolsista** Leonardo Moraes Braga Faria *História* . **Orientador** Professor Fernando Perlatto

OFICINA DE ARTES

Com o objetivo de proporcionar conhecimento sobre diversas fases da História da Arte e um espaço para estimular criações artísticas inspiradas em diferentes períodos históricos, a oficina de artes apresentou uma linha do tempo da produção artística universal e, pelo maior interesse das alunas participantes, explorou especialmente as artes rupestre, egípcia, gótica e as vanguardas artísticas. Apropriando-se das cores, formas, técnicas e estilos estudados, as participantes produziram desenhos e releituras de obras, além de trabalhos autorais - individuais e coletivos - com abordagem de temas que representam o cotidiano contemporâneo.

Modalidade Mediação Artística . **Bolsista** Larah Queiroz Gutierrez Zambrano *Bacharelado Interdisciplinar em Artes* . **Orientador** Professor Marcus Vinícius Medeiros Pereira



Obra de participante da oficina de artes

